



ESCOLA NAVAL

ta sante e biefaire



Carolina Sofia Bento Baltazar

Guerra Híbrida em Ambiente Marítimo

**Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências Militares
Navais, na especialidade de Marinha**

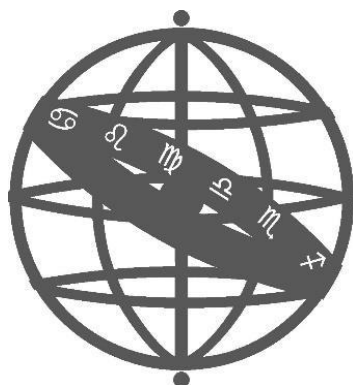


**Alfeite
2017**



ESCOLA NAVAL

talant de bi-faire



Carolina Sofia Bento Baltazar

Guerra Híbrida em Ambiente Marítimo

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências Militares Navais, na
especialidade de Marinha

Orientação de: CMG Sardinha Monteiro

Co-orientação de: CTEN Neves Simões

O Aluno Mestrando

O Orientador

ASPOF Bento Baltazar

CMG Sardinha Monteiro

**Alfeite
2017**

Epígrafe

"A sorte não existe. Aquilo a que chamais sorte é o cuidado com os pormenores"

(Winston Churchill)

Dedicatória

À minha família, o meu porto seguro, sem vocês este percurso não tinha significado.

Agradecimentos

A tese de mestrado representa o fim de uma das etapas mais importantes na vida de qualquer oficial de marinha. No entanto, teria sido impossível alcançar esta etapa sem o auxílio de várias pessoas. Deste modo, deixo aqui algumas palavras de agradecimento e reconhecimento a todas as pessoas que direta ou indiretamente me apoiaram e me ajudaram na elaboração da presente tese de mestrado, na esperança de as poder compensar por toda a confiança que depositaram em mim e por todas as ausências ao longo destes últimos anos.

Em primeiro lugar, agradeço ao meu orientador, capitão-de-mar-e-guerra Luís Nuno da Cunha Sardinha Monteiro, pela honra em tê-lo como orientador, por todos os conselhos e correções feitas ao longo deste percurso. A sua disponibilidade e as suas palavras sábias foram essenciais para levar esta tese a bom porto.

Quero também agradecer ao meu co-orientador, capitão-tenente João Pedro Nunes das Neves Simões, por todo o seu apoio e preocupação demonstrada ao longo deste processo. A sua supervisão e disponibilidade foram essenciais para conseguir alcançar com sucesso esta etapa.

Não poderia deixar de agradecer ao capitão-de-fragata Pedro Manuel da Cruz Rafael, atual comandante do NRP *Vasco da Gama* e ao capitão-de-fragata Luís Alberto do Carmo Falcato, atual assessor militar de SEXA o Presidente da República, pela disponibilidade e partilha de experiência e de conhecimento durante as entrevistas, o meu sincero obrigada.

Ao capitão-de-fragata António José Henriques de Albuquerque e Silva e aos restantes oficiais e guarnição do NRP *D. Carlos I*, pela partilha de conhecimentos, companheirismo, amizade e disponibilidade ao longo dos quatro meses de estágio.

À minha família e amigos, especialmente ao meu pai, à minha mãe e ao meu irmão por todo o amor, paciência e compreensão ao longo destes anos, sem vocês nunca teria alcançado nem metade dos meus objetivos.

Ao Francisco, pelo companheirismo e pela confiança demonstrada durante este processo.

Ao curso "D. Maria II", por me terem ajudado a crescer, pela camaradagem, companheirismo e amizade ao longo destes anos.

Resumo e palavras-chave

O início do século XXI trouxe consigo várias alterações ao caráter da guerra contemporânea, estas deram origem a diversos debates com o objetivo de desenvolver conceitos e linhas de ação relativos a estas "novas guerras".

Este novo formato de guerra assenta na teoria da guerra híbrida. Este conceito surgiu por volta dos anos 2000, na altura em que as grandes potências militares ocidentais se encontravam envolvidas em ambientes operacionais complexos e desafiantes. Todavia, este tipo de conflito não é uma novidade, ao longo da história são vários os exemplos onde é possível observar vestígios da guerra híbrida.

Contudo os adversários dos dias de hoje são mais sofisticados, utilizam todas as formas de guerra e de táticas, por vezes de forma simultânea, de modo a conseguirem atingir os seus objetivos. Assim, a separação dos conflitos em convencionais, irregulares e terroristas vai-se tornando cada vez menos correta.

Desde o ataque ao USS *Cole* no Iémen em 2000, através de uma semirrígida carregada de explosivos que a Marinha Portuguesa se manteve atenta a este tipo de ameaça acabando por liderar o desenvolvimento do ATP 74 (*Allied Tactical Publication*) - *Force Protection against Asymmetric Threats* e o projeto NATO (*North Atlantic Treaty Organization*) *Harbour Protection*, essenciais na luta contra as ameaças híbridas.

No entanto, foi após a anexação ilegal da Crimeia por parte da Rússia em 2014, que a NATO e a EU (*European Union*) começaram a demonstrar uma maior preocupação relativamente a este tipo de ameaça.

Assim, a guerra híbrida representa um elevado desafio a vários níveis para a Aliança e para os Aliados, que terão de responder com estratégias claras e abrangentes.

Palavras-chave: Guerra híbrida; Marinha Portuguesa; NATO; EU.

Abstract

The beginning of the 21st century brought several changes to the contemporary war, those changes led to several debates, which aimed to develop new concepts and line action related to this “new wars”.

This new parameters are inserted in the Hybrid War Theory. This concept came up in 2000, time in which the great western military powers were involved in complex and defiant operational environments. However, this kind of conflict is not new, during the History there are several examples in which we can see trace elements of the Hybrid War.

Nowadays opponents are more sophisticated, they use all ways of war and tactics, sometimes simultaneal in a way to reach their goals, this way, the separated conflicts with different approaches (conventional, irregular and terrorist) which are less frequent.

Since the attack to the USS Cole in Yemen in 2000, through a small boat full of explosives the Portuguese Navy kept an eye on this kind of threat leading to the development of ATP 74 – *Force Protection Against Asymmetric Threats* and the project of NATO Harbour Protection, essential on the fight against hybrid threats.

However, it was after illegal fixation of Crimea by Russia on 2014 that NATO and the EU began to show a larger concern about this kind of threat.

This way the Hybrid War represents a high challenge to the several levels to the Alliance and for Allies, which will have to respond with clear and comprehensive strategies.

Key words: Hybrid War; Portuguese Navy; NATO; EU

Índice

Epígrafe	v
Dedicatória.....	vii
Agradecimentos	ix
Resumo e palavras-chave	xi
Abstract.....	xiii
Índice	xv
Índice de figuras	xvii
Índice de tabelas	xix
Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos	xxi
Introdução	1
Capítulo 1 - Metodologia de investigação	5
Capítulo 2 - Conceito de guerra híbrida	15
Capítulo 3 - Antecedentes da guerra híbrida	23
Capítulo 4 - Guerra híbrida na atualidade	29
4.1 Desenvolvimento dos conflitos híbridos.....	30
4.1.1 Campanha híbrida do autodenominado Estado Islâmico	32
4.1.2 A Rússia e o Irão semelhanças e diferenças	35
4.1.3 Líbia como próximo cenário híbrido	46
4.2 Implicações da guerra híbrida na atualidade.....	47
4.2.1 Adaptações da NATO.....	50
4.2.2 Adaptações das forças e do ambiente	54
4.2.3 Implicações associadas às novas tecnologias	56

4.3 Conclusão.....	58
Capítulo 5 - Guerra híbrida em ambiente marítimo	63
5.1 Hezbollah	68
5.2 " <i>China's Little Blue Men</i> "	72
Capítulo 6 - Contributo da Marinha Portuguesa no combate à guerra híbrida.....	77
6.1 Desenvolvimento do ATP 74 - <i>Force Protection Against Asymmetric Threats</i> ...	77
6.2 Desenvolvimento do projeto <i>Harbour Protection</i>	79
Conclusão	83
Bibliografia.....	87
Anexos	93
Anexo A - Tratado do Atlântico Norte	93

Índice de figuras

Figura 1 - Metodologia de investigação em ciências sociais.....	7
Figura 2 - Metodologia adotada	13
Figura 3 - Guerra Irregular, Guerra Híbrida, Guerra Convencional.....	16
Figura 4 - Síria.....	34
Figura 5 - Área anexada pela Rússia	40
Figura 6- Kaliningrado	44
Figura 7 - Dimensões da guerra híbrida	48
Figura 8 - Gás natural proveniente da Rússia.....	50
Figura 9 - VJTF e o planeamento NATO	53
Figura 10 - Incidentes marítimos.....	63
Figura 11 - Pontos estratégicos russos.....	68
Figura 12 - Área disputada no mar da China.....	73

Índice de tabelas

Tabela 1- Diferenças entre os conflitos tradicionais e os conflitos modernos	58
--	----

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

AAW - *Anti-Air Warfare*

AFP - *Agence France-Presse*

AIE - Agência Internacional de Energia

AIS - *Automatic Identification System*

ASUW - *Anti-Surface Warfare*

ASW - *Antisubmarine Warfare*

ATP - *Allied Tactical Publication*

AWACS - *Airborne Warning and Control System Aircraft*

AXP - *Allied Exercise Publication*

BAM - Estreito de Bab el Mandeb

C3I - Comunicações Comando, Controlo e Informações

CEFO - *Corps Expéditionnaire Français en Extrême-Orient*

CETO - *Center for Emerging Threats and Opportunities*

CIA - *Central Intelligence Agency*

CITAN - Centro Integrado de Treino e Avaliação Naval

CHOD - *Chief of Defence*

CMF - *Coalition Maritime Forces*

CO - Centro de Operações

CPA - *Closest Point of Approach*

CPA - Corte Permanente de Arbitragem

CSIS - *Center for Strategic and International Studies*

CSTO - *Collective Security Treaty Organization*

CW - *Compound War*

DOD - *Department of Defence*

DOTMLPFI - *Doctrine, Organization, Training, Material, Leadership, Personnel, Facilities, Interoperability*

EAU - *Emirados Árabes Unidos*

ESSM - *Evolved Sea Sparrow Missile*

ETO - *Equipamento de Transmissão de Ordens*

EU - *European Union*

EUA - *Estados Unidos da América*

EXTAC - *Experimental Tactic*

HP - *Harbour Protection*

HW - *Hybrid Warfare*

HYSY 981 - *Haiyang Shiyou 981*

IDF - *Israeli Defence Forces*

INSS - *Institute for National Strategic Studies*

ISA - *International Security Affairs*

ISPS code - *International Ship and Port Facility Security Code*

ISTAR - *Intelligence, Surveillance, Target Acquisition and Reconnaissance*

KGB - *Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti*

KSO - *Special Operations Command*

LA - *Limitação de Avarias*

LPD - *Landing Platform Dock*

MAROPS WG - *Maritime Operations Working Group*

NATO - *North Atlantic Treaty Organization*

NDDP - *NATO Defence Planning Process*

NRF - *NATO Response Force*

ONU - *Organização das Nações Unidas*

OST - *Operational Sea Training*

PAFD - *People's Armed Forces Departments*

PLAF - *People's Liberation Armed Forces of South Vietnam*

PMESI - *Political Military Economic Social and Intelligence ou Informational*

PMSI - *Political Military Social and Intelligence ou Informational*

PTB - *Plano de Treino Básico*

QDR - *Quadrennial Defence Review*

RAP - *Readiness Action Plan*

RMA - *Revolution in Military Affairs*

s.d - *Sem Data*

SM-2s - *Standard Missile-2s*

SNFL - *Standing Naval Forces Atlantic*

SNMG - *Standing NATO Maritime Group*

StandOrders - Standing Orders

STHP - *NATO Specialist Team on Harbour Protection*

TTPs - *Táticas, Técnicas e Procedimentos*

TPA - *Tribunal Permanente de Arbitragem*

UAV - *Unmanned Aerial Vehicles*

UE - *União Europeia*

U.S. - *United States*

USNS - *United States Naval Ship*

USS - *United States Ship*

VDV - *Vozdushno-Desantnye Voyska*

VJTF - *Very High Readiness Joint Task Force*

Introdução

O termo guerra híbrida acarreta uma série de questões: O que é? Quando é que surgiu? Como é que se pode combater? Ao longo desta dissertação, irão ser apresentadas respostas a todas estas questões de modo a que seja posteriormente possível enquadrá-lo com o ambiente marítimo.

O conceito de guerra híbrida foi introduzido por Frank G. Hoffman¹, que definiu a ameaça híbrida como:

"Qualquer adversário que de forma simultânea e adaptativa empregue armas convencionais, táticas irregulares, terrorismo e criminalidade num determinado espaço de batalha de modo a obter os seus objetivos políticos"

(Hoffman, Outubro, 2009).

Esta nova denominação surgiu na altura em que as grandes potências militares ocidentais se viram envolvidas em ambientes operacionais complexos e desafiantes, como o Afeganistão (2001) e o Iraque (2003), o que fez com que os teóricos militares comesçassem a desenvolver esforços de modo a conseguirem definir este tipo de conflitos. Todavia, esta temática ganhou mais relevo após a anexação ilegal da Crimeia, em 2014, por parte da Rússia, ação esta que a NATO classificou como uma abordagem híbrida.

A União Europeia definiu o conceito de guerra híbrida no *European External Action Service (Countering hybrid threats, food-for-thought paper)*, em 2015. Este tipo de conflito foi caracterizado pela utilização de várias táticas encobertas e abertas, assim como, também, pelo emprego tanto de meios militares como de meios não-militares, incluindo operações de informações e cibernéticas.

A guerra híbrida não se caracteriza apenas pelos meios utilizados, caracteriza-se também pelos seus intervenientes. Os atores híbridos podem ser milícias, grupos

¹ Desempenha funções no CETO (*Center for Emerging Threats and Opportunities*) como investigador sendo responsável por conduzir avaliações e desenvolver documentos relacionados com conceitos estratégicos. Desempenhou funções como oficial de marinha entre 1978 e 2001, passando para a reserva com o posto capitão-de- fragata.

criminosos ou terroristas - enfim, atores não-estatais. No entanto, na maioria dos casos, estes grupos são apoiados por um ou mais Estados que tenham interesses no conflito.

Existe um consenso geral quanto às características da guerra híbrida, contudo, o mesmo não se verifica quanto à sua origem.

Enquanto alguns teóricos defendem que os conflitos híbridos são tão antigos como a própria guerra e que ao longo da história são inúmeros os exemplos de guerras híbridas, sendo a guerra de Tróia uma das primeiras, outros defendem que este é um tipo de conflito recente, tendo surgido apenas no início do século XXI, após os atentados do 11 de setembro 2001.

Este tipo de guerra tem vindo a condicionar a condução das operações navais, especialmente em zonas litorais e portuárias. Esta limitação fez com que as marinhas de todo o mundo se vissem obrigadas a desenvolver estratégias e táticas de modo a conseguirem fazer frente a este tipo de ameaça.

A Marinha Portuguesa manteve-se sempre atenta relativamente a este tipo de ameaças, tendo desempenhado um papel importantíssimo no desenvolvimento da doutrina NATO - o ATP 74 - *Force Protection Against Asymmetric Threats*, que contém todas as medidas pré-planeadas desenvolvidas, com o objetivo de proteger os navios de ameaças não convencionais em zonas litorais e perto de costa. Para além disso, a Marinha Portuguesa liderou um projeto no âmbito da NATO que tem como objetivo desenvolver a capacidade de defesa portuária em missões expedicionárias, possibilitando a projeção de forças em ambientes hostis- o Projeto *Harbour Protection*. Porém, a NATO ainda continua longe de uma estratégia abrangente.

A problemática inerente à delimitação do conceito de guerra híbrida e ao facto de as comunidades ocidentais continuarem longe de uma estratégia clara contra este tipo de ameaça, associada à condição de oficial de Marinha despertaram naturalmente alguma curiosidade relativamente ao tema da presente dissertação - "Guerra Híbrida em ambiente marítimo".

O principal objetivo desta tese consiste, pois, em associar este modo de guerra ao ambiente de atuação da Marinha, o ambiente marítimo, realçando o seu impacto nas

forças NATO, assim como também, as táticas e as estratégias passíveis de serem empregues contra os atores híbridos.

Deste modo, foi desenvolvida uma questão central:

O que é a guerra híbrida em ambiente marítimo e de que forma é que lhe podemos fazer frente?

Para uma elaboração objetiva e estruturada de uma dissertação de mestrado é necessário definir primeiramente uma metodologia de investigação que seja capaz de guiar o investigador no seu processo de pesquisa. Deste modo, para o desenvolvimento da presente dissertação de mestrado a metodologia adotada foi a Metodologia de Investigação em Ciências Sociais de Raymond Quivy e de Luc Van Campenhoudt (1995) que tem como objetivo "ajudar no empreendimento de uma tese cujo objetivo seja compreender mais profundamente e interpretar mais acertadamente fenómenos da vida coletiva." (Quivy, Campenhoudt, 2015, pp.16 a 18).

Este método assenta em 7 etapas essenciais dependentes umas das outras:

- Etapa 1: A pergunta de partida;
- Etapa 2: A exploração: as leituras e as entrevistas exploratórias;
- Etapa 3: A problemática;
- Etapa 4: A construção do modelo de análise;
- Etapa 5: A observação;
- Etapa 6: A análise das informações;
- Etapa 7: As conclusões.

Esta dissertação encontra-se dividida em seis capítulos. No primeiro irá ser apresentada a metodologia utilizada e as suas diferentes etapas. O capítulo 2 visa clarificar o conceito de guerra híbrida, dando diferentes perspetivas de diferentes autores. Posteriormente, o capítulo 3 irá abordar a guerra híbrida através de uma perspetiva histórica, na qual são enumerados os vários conflitos que apresentam características híbridas.

O capítulo 4 centra-se na guerra híbrida na atualidade, neste capítulo são referidas as principais ameaças híbridas de hoje em dia, as suas características e

capacidades. É também neste capítulo que são analisadas as várias adaptações que as forças e a organização NATO teve de fazer para se adaptar a este modo de guerra.

É no capítulo 5 que é feita a associação entre guerra híbrida e o ambiente marítimo. Neste capítulo, é referida a importância do meio marítimo bem como as suas fragilidades e o modo como os atores híbridos se aproveitam delas. Nesta parte também são enumerados os diferentes conflitos híbridos associados ao ambiente marítimo.

Por fim, o capítulo 6 refere-se ao papel que a Marinha Portuguesa desempenhou para fazer frente a este tipo de ameaças através da elaboração do ATP 74 - *Force Protection against Asymmetric Threats* e da liderança do Projeto NATO *Harbour Protection*.

Capítulo 1 - Metodologia de investigação

A palavra "ciência" deriva do latim *scire* que significa "saber", correspondendo este vocábulo à ideia de um conhecimento que apreende o objeto na exata medida em que o individualiza e distingue do que o rodeia (Referido por Freixo, 2011, p.31 como citado em Santos *et al*, 2016, p.11).

O facto de a ciência estar associada a um conjunto de conhecimentos racionais obtidos metodicamente, tem intrínseca a necessidade de possuir um método específico que lhe permita encontrar os fundamentos dos objetos em estudo. Contudo também existe algum grau de incerteza, podendo o conhecimento ser considerado certo ou provável (Referido por Freixo, 2011, pp.31 a 33 como citado em Santos *et al*, 2016, p.11).

A ciência é caracterizada por um conhecimento sistematizado na medida em que este se encontra ordenado de forma coerente, originando uma teoria. Esta tem de ser verificável, uma vez que os factos que não podem ser comprovados não se encontram no âmbito da ciência (Referido por Freixo, 2011, pp.31 a 33 como citado em Santos *et al*, 2016, pp.11 a 12).

Existem quatro tipos de conhecimento utilizados frequentemente durante os trabalhos de investigação:

- O conhecimento empírico é associado ao senso comum, resulta de observações e racionalizações pessoais ou transmitidas socialmente, sendo caracterizado pela falta de rigor;
- O conhecimento científico resultante de estudos e de investigações metódicas e sistemáticas da realidade, tentando compreender as causas e as leis que a regem;
- O conhecimento filosófico, este decorre da reflexão e da investigação do saber filosófico que não tem como objetivo produzir ciência;
- Por fim, o conhecimento teológico que tem como base entidades divinas e a fé humana, não podendo ser nem demonstrado nem comprovado.

(Referido por Sousa e Baptista, 2011, pp. 5 e 6 como citado em Santos *et al*, 2016, p. 12)

Deste modo, para elaborar uma dissertação de mestrado objetiva e estruturada, torna-se necessário definir uma metodologia de investigação capaz de guiar o investigador durante o seu processo de pesquisa.

Tendo em conta o tema da presente dissertação e os objetivos que lhe estão inerentes, a metodologia de investigação mais adequada é a metodologia de investigação em ciências sociais da autoria de Raymond Quivy e de Luc Van Campenhoudt.

Esta metodologia baseia-se em 3 atos distintos:

1. A rutura: corresponde à primeira fase, sendo constituída pela pergunta de partida, a exploração e a definição da problemática.
2. A construção: é o ato seguinte, este também é constituído pela definição da problemática e pela construção do modelo de análise.
3. A verificação: última etapa da metodologia de investigação em ciências sociais, que inclui a observação, a análise das informações e as conclusões.

Estes atos não são independentes, encontram-se numa constante interação ao longo de sete etapas como está representado na figura 1.

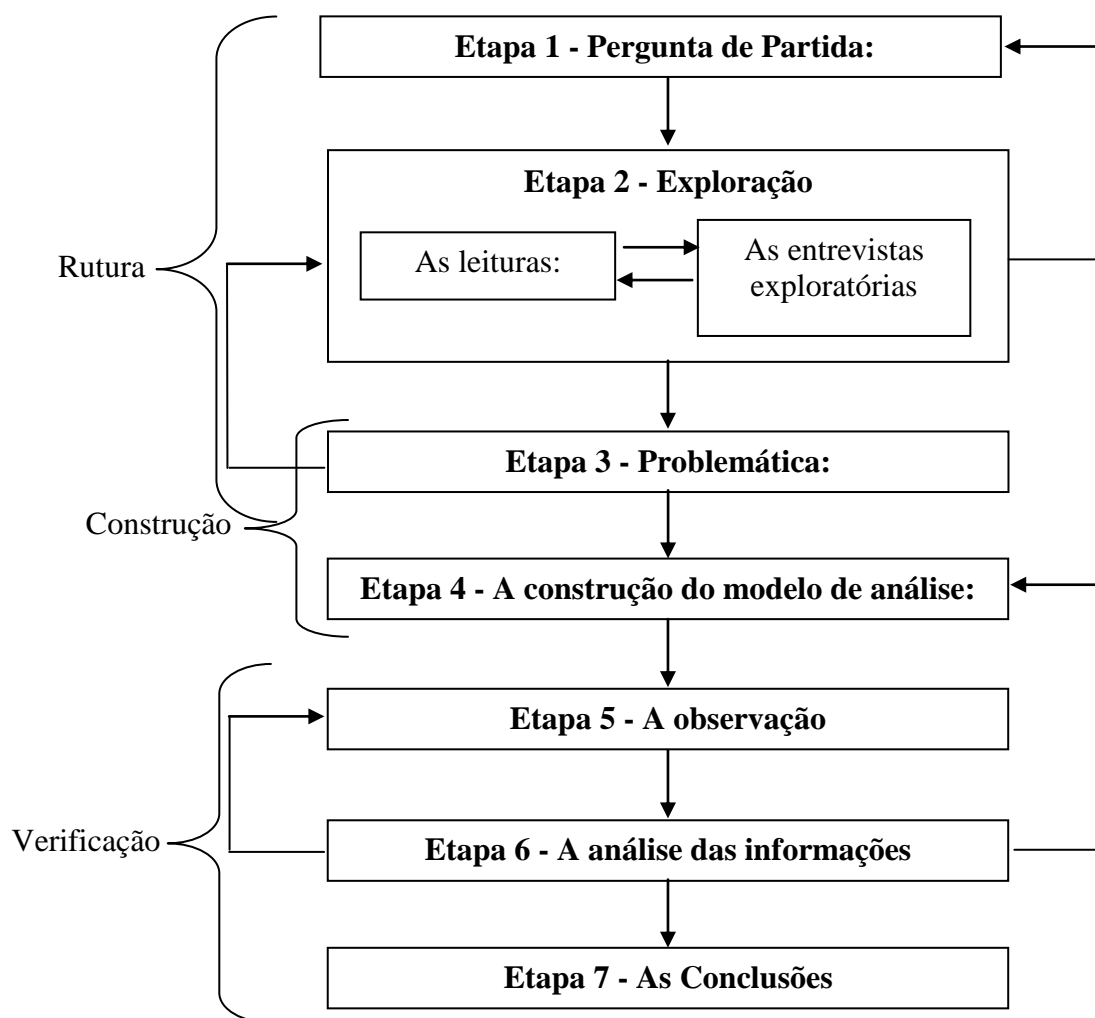


Figura 1 - Metodologia de investigação em ciências sociais²

Relativamente à primeira etapa, esta dissertação tem como pergunta de partida:

O que é a guerra híbrida em ambiente marítimo e de que forma é que lhe podemos fazer frente?

Tendo em conta a natureza a investigação também foram elaboradas algumas perguntas derivadas:

Quais os primeiros conflitos que se podem caraterizar como híbridos?

Quais as diferenças entre os primeiros conflitos híbridos e a guerra híbrida atual?

² Adaptado de (Quivy, Campenhoudt, 2015, p.28).

Como é que a Marinha Portuguesa tem contribuído para fazer frente a este tipo de conflito?

Após a construção da questão principal, o investigador enfrenta desafios, incertezas e hesitações que o podem levar a perder o rumo da investigação. Pelo que, se torna necessário estabelecer uma linha condutora capaz de promover uma estruturação coerente do estudo, apresentando sempre uma linguagem clara. Esta linha condutora resulta nos objetivos da investigação (Quivy, pp. 31 e 32, 2015).

Para esta dissertação de mestrado foram elaborados os seguintes objetivos:

- Delimitar o conceito de guerra híbrida a partir de uma alusão aos primórdios desta temática, realçando o facto de que a utilização deste tipo de guerra remonta há vários séculos atrás;
- Alertar para os acontecimentos mais recentes, sendo estes últimos os responsáveis pela tentativa de desenvolvimento de uma definição de guerra híbrida e das consequentes estratégias para a combater;
- Relacionar a guerra híbrida com o ambiente marítimo, a nossa área de interesse, visto que, é a área onde poderemos intervir e onde somos responsáveis por defender os interesses da nação;
- Enquadrar a Marinha Portuguesa nesta temática fazendo referência ao seu contributo no desenvolvimento de estratégias para combater a guerra híbrida em ambiente marítimo.

Após a elaboração da pergunta de partida, das perguntas derivadas e dos consequentes objetivos de investigação deu-se início à segunda etapa, na qual foi realizada:

- A exploração da bibliografia indicada na presente dissertação;
- A condução de duas entrevistas exploratórias.

As leituras e as entrevistas exploratórias ajudam a construir a problemática de investigação. Enquanto as leituras ajudam a efetuar um balanço dos conhecimentos relativos ao problema de partida; as entrevistas contribuem para descobrir os aspetos a ter em conta, alargando e retificando o campo de investigação das leituras. Ambas são complementares e enriquecem-se mutuamente (Quivy, Campenhoudt, p.69, 2015).

A primeira entrevista exploratória foi conduzida ao capitão-de-fragata Cruz Rafael no âmbito da sua participação ativa no desenvolvimento do ATP 74 - *Force Protection Against Asymmetric Threats*. Esta decorreu no dia 6 de abril de 2017. A segunda foi conduzida ao capitão-de-fragata Carmo Falcato no dia 13 de abril de 2017. Esta entrevista decorreu no âmbito do desenvolvimento do projeto NATO *Harbour Protection*.

A etapa seguinte - A problemática, é a abordagem ou a perspetiva teórica que se decide adotar para resolver o problema formulado pela pergunta de partida. Constitui uma etapa charneira da investigação, situada entre a rutura e a construção (Quivy, Campenhoudt, p.88, 2015).

Elaborar uma problemática equivale a definir conjuntamente três elementos:

- O que se pretende explicar: o conceito de guerra híbrida, assim como também as táticas e as estratégias que se devem de adotar para fazer frente aos atores híbridos, em particular, no ambiente marítimo;
- Aquilo que vamos relacionar: a guerra híbrida com o ambiente marítimo;
- O tipo de relação entre os dois elementos: relação de causa no sentido em que o ambiente marítimo constitui um meio onde a guerra híbrida se pode desenrolar.

A quarta etapa - a construção do modelo de análise, tem como objetivo traduzir a problemática para uma linguagem e para formas que permitam desenvolver um trabalho sistemático (Quivy, Campenhoudt, p.108, 2015).

Para a presente dissertação de mestrado, o modelo de investigação adotado centrou-se essencialmente na conceptualização e enquadramento de alguns conceitos, nomeadamente o conceito de guerra híbrida. Assim como também, na identificação dos indicadores associados.

Construir um conceito consiste em primeiro lugar em determinar as dimensões que o constituem, e em segundo lugar precisar os indicadores³ graças aos quais as dimensões poderão ser medidas (Quivy, Campenhoudt, p.121, 2015).

³ Manifestações objetivamente observáveis e mensuráveis das dimensões do conceito. No entanto, existem conceitos para os quais os indicadores são menos evidentes. A noção de indicador torna-se então imprecisa. (Quivy, Campenhoudt, p.122, 2015).

Existem duas maneiras de construir um conceito, sendo que cada uma delas corresponde a um nível diferente de conceptualização. Uma é indutiva e produz conceitos operatórios isolados⁴; a outra é dedutiva e cria conceitos sistémicos⁵ (Quivy, Campenhoudt, pp.121 e 122, 2015).

Para o presente modelo de análise, optou-se pela conceptualização indutiva produzindo conceitos operatórios isolados. Estes conceitos são construídos empiricamente, a partir de observações diretas ou de informações reunidas por outros, que indicam as diferentes dimensões a reter. Os elementos necessários para a construção de um conceito operatório isolado são maioritariamente recolhidos através das entrevistas exploratórias e das leituras (Quivy, Campenhoudt, p. 123, 2015).

É no capítulo 2 - Conceito de guerra híbrida, que se encontram definidos os conceitos base desta dissertação, sendo possível distinguir claramente o conceito de guerra híbrida dos outros tipos de guerras existentes.

A etapa seguinte - observação, engloba o conjunto de operações através das quais o modelo de análise é submetido ao teste de factos e confrontado com dados observáveis. Esta etapa pretende responder a questões como: "observar o quê?"; "observar em quem?" e "observar como?" (Quivy, Campenhoudt, pp.121 e 154, 2015).

A questão "observar o quê?", vai limitar os dados observáveis, neste caso, o tipo de artigos; de documentos; de livros; entre outros que sejam pertinentes para o desenvolvimento de uma resposta para a pergunta principal e para as perguntas derivadas.

A segunda pergunta - "observar em quem?", visa circunscrever as análises empíricas no espaço (geográfico e social) e no tempo. No caso específico deste trabalho de investigação esta limitação é um pouco subjetiva, visto que, tanto a nível espacial, como a nível temporal, a guerra híbrida vai ser abordada sem qualquer limitação.

⁴ Construído empiricamente a partir de observações diretas ou de informações reunidas por outros, que indicam as diferentes dimensões a reter. Não ficam definidas as suas relações com outros conceitos (Quivy, Campenhoudt, p. 122, 2015).

⁵ Construído por raciocínio abstrato inspirado no comportamento dos objetos reais e no conhecimento adquirido, articulando-se com um ou outro quadro de pensamento mais geral, a que chamamos paradigma (Quivy, Campenhoudt, p. 124, 2015).

A última questão "observar como?", visa definir os instrumentos de observação e de recolha de dados/ informação. Nesta caso particular a recolha de informação deu-se:

- A partir da leitura de vários documentos; livros e artigos;
- Através de vários seminários no âmbito da presente dissertação
- Através da condução de duas entrevistas exploratórias como já foi referido anteriormente, na segunda etapa.

A penúltima etapa - a análise das informações, pode ser realizada através de diferentes métodos. Para esta dissertação de mestrado o método adotado foi o de análise de conteúdos.

Esta análise incide particularmente em obras literárias; artigos de jornais; documentos oficiais; programas audiovisuais; declarações políticas; atas de reuniões ou relatórios de entrevistas pouco diretivas (Quivy, Campenhoudt, p.226, 2015).

Os diferentes métodos de análise de conteúdo agrupam-se em duas categorias distintas:

- Método quantitativo: É realizado a partir da análise de um grande número de informações sumárias e têm como informação de base a frequência do aparecimento de certas características de conteúdo ou de correlação entre elas;
- Método qualitativo: É realizado a partir de uma análise a um pequeno número de informações complexas e pormenorizadas e têm como informação de base a presença ou a ausência de uma característica ou o modo segundo o qual os elementos do "discurso" estão articulados uns com os outros.

(Quivy, Campenhoudt, p.227, 2015)

Ao longo dos capítulos seguintes é possível verificar essencialmente a utilização do método qualitativo, uma vez que ao longo dos vários conflitos é feita uma análise pormenorizada dos vários conflitos que têm uma característica em comum, a utilização de métodos híbridos.

A última etapa - a conclusão, que se encontra descrita no fim deste trabalho de investigação, divide-se em três partes:

- Uma retrospectiva das grandes linhas do procedimento;

- Uma apresentação pormenorizada dos contributos originados pelo trabalho;
- Considerações de ordem prática.

A figura 2 é uma ilustração da metodologia de investigação em ciências sociais adaptada a esta dissertação de mestrado, na qual, resumidamente se encontram descritas as diferentes etapas do procedimento.

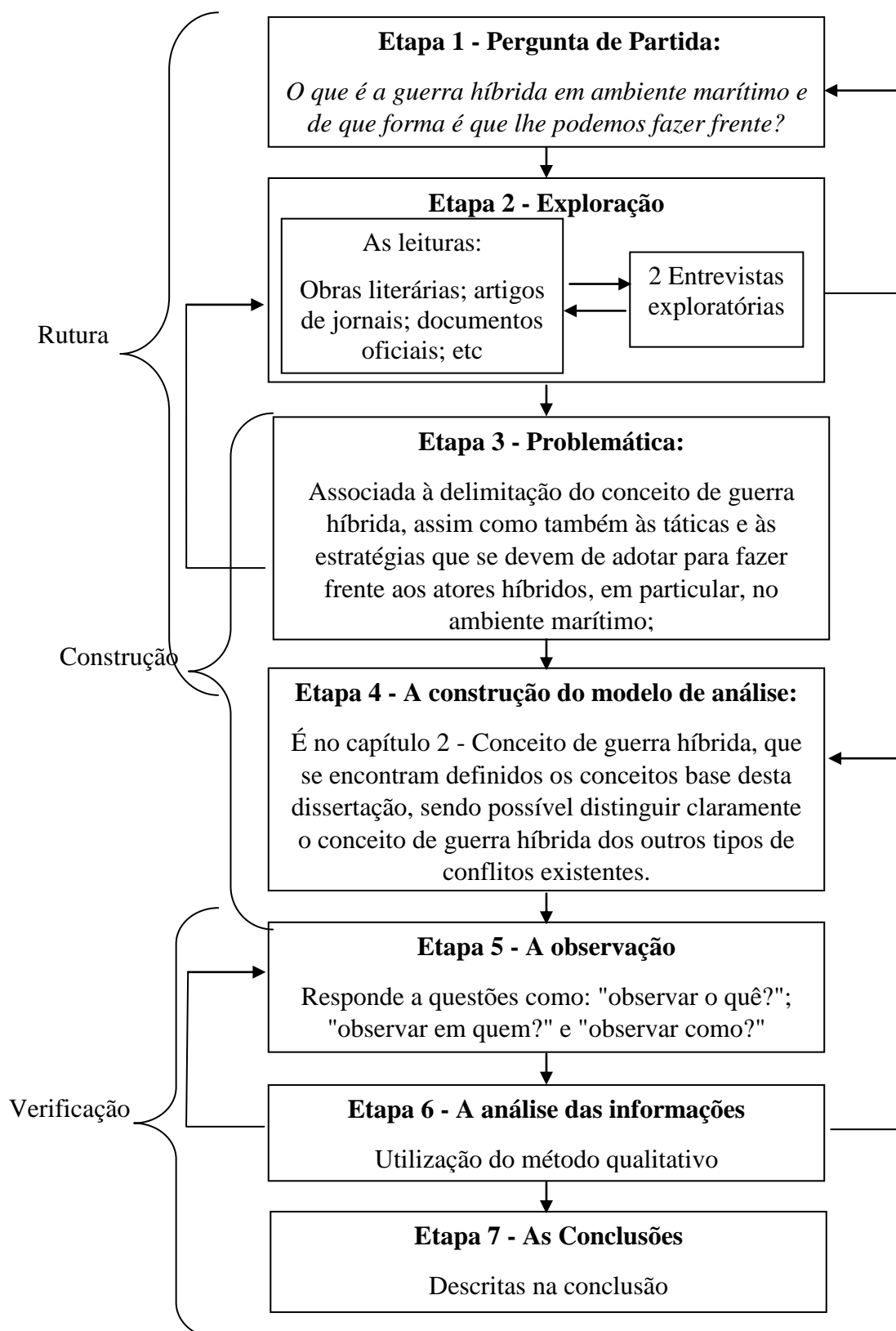


Figura 2 - Metodologia adotada⁶

⁶ Adaptado de (Quivy, Campenhoudt, 2015, p.28).

Capítulo 2 - Conceito de guerra híbrida

"As ameaças híbridas, são o problema e não um conceito operacional que apresenta uma solução"⁷

(Referido por Frank Hoffman, como citado em Greg Grant, 2009, para.9)

O termo "híbrido" pode ser definido como algo heterogéneo na origem ou na composição, ou como algo que tenha mais do que uma componente a desempenhar a mesma função. Este termo tem sido utilizado para evidenciar a elevada complexidade da guerra, a multiplicidade de atores envolvidos e as diferentes categorias tradicionais de conflito utilizadas em simultâneo.

O conceito de guerra híbrida começou a ser introduzido, no léxico militar, por Frank Hoffman no início do século XXI, afirmando que os adversários dos dias de hoje são cada vez mais sofisticados. Compreendem que para um conflito ser bem-sucedido têm de utilizar vários tipos de guerra em simultâneo, de modo a conseguirem atingir os seus objetivos.

O autor afirma ainda que não se pode partir do pressuposto que exista uma escolha binária entre, grande e convencional, e pequeno e irregular. Em vez de conflitos separados com abordagens diferentes (convencionais, irregulares ou terroristas), deparamo-nos cada vez mais com adversários que irão utilizar todas as formas de guerra e de táticas, podendo utilizá-las simultaneamente (Hoffman, 2007, pp. 7, 57 e 58).

Neste quadro, a Figura 3 permite concluir que as ameaças híbridas são caracterizadas pela combinação de meios convencionais/ regulares e não-convencionais/ irregulares, sendo que esta combinação pode-se dar através da componente regular ou da componente irregular.

⁷ *"Hybrid threats, again, are the problem, not an operating concept that presents a solution"*

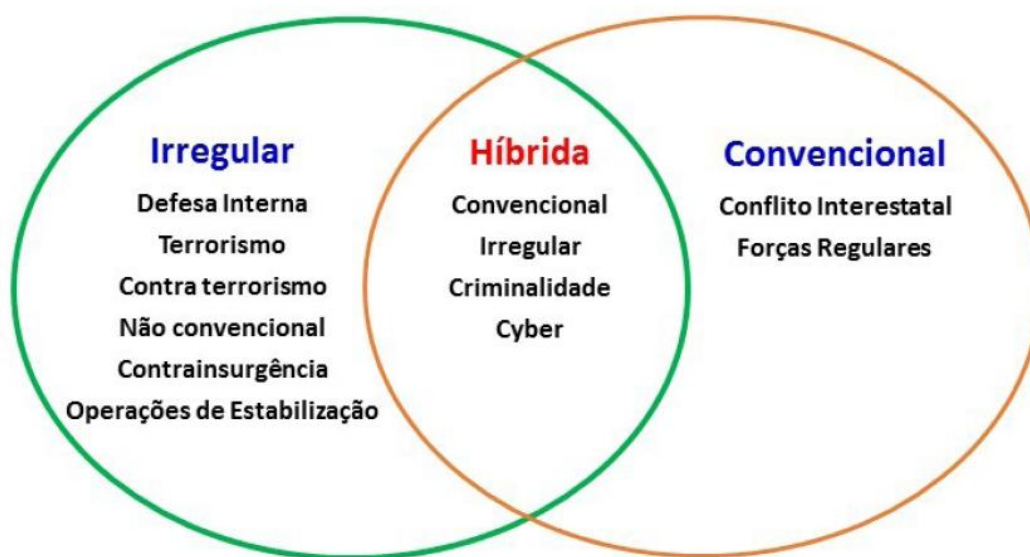


Figura 3 - Guerra Irregular, Guerra Híbrida, Guerra Convencional⁸

A Figura 3 enquadra, pois, o conceito de guerra híbrida, tornando-se assim possível distingui-lo claramente das guerras irregulares e das guerras convencionais.

Deste modo as guerras irregulares (ou de guerrilha) caracterizam-se através:

- Da elevada capacidade demonstrada pelos guerrilheiros em se misturarem com a população local;
- Da utilização de carros bomba e de batalhas para influenciarem a população local,
- Do seu elevado horizonte temporal.

(Grant, 2009, para. 4)

Em contrapartida, as denominadas guerras convencionais podem ser caracterizadas através:

- De grandes batalhas entre estados nação,
- De exércitos bem organizados ao longo das linhas hierárquicas estabelecidas.

(Grant, 2009, para. 5)

⁸ Fonte: adaptado de (U.S. Government Accountability Office, 2010, p. 16).

A guerra híbrida envolve com uma maior frequência atores não-estatais tais como milícias, grupos criminosos ou redes terroristas. Na maioria dos casos, estes atores não-estatais são apoiados por um ou por vários Estados. No entanto, existem casos de Estados que optam por utilizar métodos híbridos. Estes atores possuem muitas vezes equipamentos e tecnologia que normalmente se encontra reservada apenas para forças militares (Jacobs, Lasconjarias, 2015, p.2).

Contudo os conflitos híbridos podem ser conduzidos tanto por Estados, como por uma variedade de atores não-estatais, sendo que os atores não-estatais irão utilizar maioritariamente formas de guerra irregulares, podendo apoiar, encorajar e participar nos conflitos convencionais que contribuam para conseguirem alcançar os seus objetivos. Em simultâneo os atores estatais também podem participar em conflitos irregulares se estes contribuírem para atingirem os seus objetivos (Hoffman, 2007, pp. 8 e 14).

Deste modo, torna-se importante referir que a componente perturbadora da guerra híbrida advém da atividade criminosa, que é utilizada com dois objetivos: é empregue ora para sustentar a força híbrida, ora para facilitar a desordem e a perturbação do alvo. Este tipo de conflito é, tanto a nível operacional como tático, dirigido e coordenado no campo de batalha, de modo a alcançar efeitos sinérgicos, a nível físico e psicológico do conflito (Hoffman, 2007, pp. 29 e 30).

A inovação da guerra híbrida reside no facto de as forças regulares poderem lutar em simultâneo com as forças irregulares. Deste modo, os conflitos híbridos vão envolver frequentemente táticas legais e ilegais e ações militares e não-militares. No entanto, a adoção de métodos ilícitos e não convencionais por lideranças legítimas do estado irá dificultar uma posterior negação do seu envolvimento neste tipo de conflito, influenciando a confiança e a possibilidade de acordos com outros Estados (Gardner, 2015, p.2).

As guerras convencionais, não convencionais e o terrorismo, vão deixar de ser considerados estilos distintos, uma vez que todos estarão presentes e em simultâneo. Tanto a indefinição dos diferentes modos de guerra empregues pelo adversário, como a identificação da tecnologia que deverá ser utilizada, são sinónimos de uma grande

variedade e complexidade, a qual será designada de guerra híbrida (Hoffman, 2007, p.14).

No que toca ao campo de batalha das guerras híbridas no futuro, este terá lugar em terrenos complexos, como, por exemplo, as cidades que se encontram em desenvolvimento e as cidades que tenham uma elevada densidade populacional. Isto irá ocorrer, uma vez que os adversários percebem que a complexidade destes terrenos oferece diversas vantagens que compensam a superioridade convencional (Hoffman, 2007, pp. 15 e 43).

No entanto, este tipo de conflito não se limita ao espaço físico. Os atores híbridos irão utilizar sempre que possível, os instrumentos de *media* tradicionais e modernos para poderem desenvolver novas narrativas baseadas nos seus interesses, meios e objetivos.

A nível estrutural, as organizações podem ter uma estrutura política hierárquica, juntamente com células descentralizadas ou unidades táticas em rede. Nesse caso, os meios também podem ser híbridos, tanto na forma como na aplicação (Hoffman, 2007, p. 28).

Para uma melhor compreensão desta temática torna-se necessário conhecer alguns conceitos essenciais, tais como:

- *Compound war* (guerra composta) - subcategoria da guerra híbrida, em que a coordenação estratégica das forças convencionais se assemelha muito à coordenação estratégica das forças não-convencionais (Hoffman, 2007, p.20 e 21).
- *Omni-directionality* (omnidirecional) - este conceito exige que os comandantes observem os potenciais campos de batalha sem qualquer julgamento prévio. O desenvolvimento dos planos de medidas de emprego e de combinações devem ter em conta todos os recursos de guerra que se encontrem disponíveis. Todos os domínios tradicionais (terra, mar, ar e espaço exterior), assim como também a política, a economia, a cultura e os fatores morais devem ser considerados no campo de batalha (Hoffman, 2007, p.23).
- *Synchrony* (sincronia) - relativamente a este conceito é imperativo que os comandantes diferenciem os diferentes campos de batalha nos seus diversos

domínios, tendo em consideração a dimensão temporal. Por outras palavras, "a realização das ações em diferentes espaços no mesmo período de tempo", de modo a que consigam atingir os efeitos desejados (Hoffman, 2007, p.23 e 24).

- *Asymmetry* (assimetria) - manifesta-se até certo ponto em todos os aspetos da guerra (Hoffman, 2007, p.24).

No entanto, este não é um termo correlativo. Para os militares americanos e europeus a expressão "guerra híbrida" é consensual, ao contrário dos militares russos que preferem utilizar o termo "não-linear"⁹.

A Rússia considera que a guerra híbrida praticada pelo Ocidente consiste numa fusão entre:

- A dimensão militar da guerra "sem contato",
- A coerção económica,
- A subversão política,
- E a manipulação do "domínio da informação".

(Palmer, 2015, p.8)

A Rússia considera ainda que o objetivo da guerra híbrida ou guerra não linear é enfraquecer e desmoralizar o adversário criando uma situação de "caos controlado" (Palmer, 2015, p.8).

No entanto, este conceito tem dado origem a diversas discórdias entre diferentes autores.

Russell Glenn¹⁰ afirma que, embora a expressão "guerra híbrida" possa descrever com precisão alguns conflitos a nível tático, esta deve ser considerada como um subconjunto da guerra irregular e não como um novo conceito operacional (Grant, 2009, para.1).

Glenn vai mais longe e afirma que:

⁹ Delineado pelo chefe de Estado-Maior russo Valery Gerasimov em janeiro de 2013. Este conceito envolve forças regulares e irregulares, medidas militares e não-militares, assim como também a manipulação da população com o objetivo de atingir alcançar sucesso político (Gardner, 2015, p.4).

¹⁰ Exerce funções na *Joint Forces Command*, mais especificamente, na *Joint Irregular Warfare Center*.

"A guerra híbrida pode não chegar a necessitar de um conceito doutrinário, uma vez que, o sucesso de Hezbollah se deveu maioritariamente às dificuldades de Israel e não propriamente ao desempenho do adversário"¹¹

(Grant, 2009, para.5)

Já Hoffman afirma que:

"É importante que nós estruturemos o nosso conhecimento relativo ao futuro com uma ideia clara daquilo que o inimigo se encontra a fazer, ao invés de dividir uma série de ameaças apenas entre duas categorias "Convencionais versus Irregulares"¹²

(Grant, 2009, para.5)

Colocar a guerra híbrida como um mero subconjunto da guerra não convencional é um erro. Este não é um conceito operacional. É uma definição de novos modos de guerra (Grant, 2009, para.9).

Já Nathan Freier¹³ estabeleceu uma estratégia a partir de quatro ameaças:

- O terrorismo tradicional,
- O terrorismo irregular,
- O terrorismo catastrófico,
- E a tecnologia disruptiva.

(Hoffman, 2009, para.6)

A estratégia de Freier observou que, no futuro, as ameaças mais complexas seriam combinações destes quatro tipos de terrorismo. O autor afirma que qualquer ator que use quaisquer duas das quatro ameaças enunciadas representará uma ameaça híbrida (Hoffman, 2009, para.6).

¹¹ *"Hybrid warfare may not merit adoption as a doctrinal concept even if it proves sufficiently unique were Hezbollah's success due more to Israel's difficulties than its adversary's performance"*

¹² *"It's important that we properly frame our understanding of the future on a clear idea of what the enemy is doing, rather than simply "bin" a range of threats into a false, shallow "Conventional vs. Irregular" boxes"*

¹³ Juntou-se ao CSIS (*Center for Strategic and International Studies*) em abril de 2008 após completar 20 anos de carreira no exército dos EUA (Estados Unidos da América). Foi um dos autores do termo "guerra híbrida" quando desempenhou funções do gabinete do secretário de defesa sobre a estratégia nacional.

Hoffman define conflito híbrido a partir da estratégia da defesa nacional e dos modos de conflito empregues pelo adversário. Deste modo substitui a "tecnologia disruptiva" enunciada por Freier pelo "comportamento social disruptivo" ou pela "criminalidade" (Hoffman, 2009, para.8).

Esta substituição baseia-se em dois aspetos: no facto da ligação existente entre as organizações criminosas e as organizações terroristas ser muito bem estabelecida, e no facto de ser cada vez mais frequente o aparecimento de organizações transnacionais de narcoterrorismo e outra criminalidade que utilizam o contrabando de drogas e de humanos e a extorsão, por exemplo, para retirar credibilidade ao governo local (Hoffman, 2009, para.8).

Assim, Hoffman define ameaça híbrida como qualquer adversário que de modo simultâneo e adaptativo empregue armas convencionais, táticas irregulares, terrorismo e atos criminosos no espaço de batalha de modo a atingir os seus objetivos políticos (Hoffman, 2009, para.9).

Para atingir esta definição Hoffman levantou diversas questões sobre cinco elementos distintos:

- Modalidade versus estrutura: A definição deve-se concentrar nos modos de combate do adversário ou na sua estrutura (combinações de Estados, atores não-estatais, combatentes estrangeiros)?
- Simultaneidade: A força tem que empregar simultaneamente os quatro modos de conflito ou tem apenas de demonstrar capacidade para os empregar a todos?
- Fusão: A força tem que fundir as diferentes forças (regulares e irregulares) no campo de batalha ou deve apenas misturar diferentes modos de conflito?
- Multimodalidade: Será que um ator tem que misturar todos os quatro modos ou será que três em cada quatro são suficientes para o tornar híbrido?
- Criminalidade: A criminalidade é um modo deliberado de conflito, ou simplesmente uma fonte de renda ou apoio para os gangues e os talibãs?

(Hoffman, 2009, para.10)

Contudo, não existe uma definição clara para o conceito de guerra híbrida, em grande parte devido ao facto de este termo tentar descrever múltiplas dimensões do

conflito para diferentes fins, envolvendo uma pluralidade de possíveis adversários e uma vasta gama de táticas. Outro motivo que leva a que não haja uma definição clara para este conceito está relacionado com a natureza caótica inerente à guerra híbrida (Gardner, 2015, p.2).

Capítulo 3 - Antecedentes da guerra híbrida

"(...) A primeira guerra híbrida conhecida foi a de Tróia, pelo que, já vimos este tipo de conflito anteriormente."¹⁴

(Referido por Jens Stoltenberg¹⁵ em 2015, como citado em Jacobs, Lasconjarias, 2015, p.1)

São inúmeros os exemplos de conflitos híbridos ao longo da história. Deste modo, a guerra híbrida não retrata uma novidade, podendo ser considerada uma particularidade quase tão antiga como a própria guerra. Assim, surgiu a necessidade de analisar os diferentes conflitos existentes ao longo da história incluindo os seus antecedentes e a sua origem.

Como já foi referido o conflito de Tróia é considerado como um dos primeiros conflitos híbridos. Os gregos conseguiram alcançar o seu objetivo de conquistar a cidade através da utilização de um elemento não convencional - o cavalo de Tróia.

Os EUA (Estados Unidos da América) são considerados a maior potência mundial, contudo, é possível verificar que ainda apresentam muitas lacunas relativamente às medidas (táticas e operacionais) a adotar para guerras não convencionais. Neste particular, o maior impedimento na adaptação da segurança nacional dos EUA é a própria cultura militar desta nação, que está intimamente ligada aos modos mais convencionais de guerra, essencialmente desde a segunda guerra mundial (Hoffman, 2007, pp 44 e 45).

O facto de este país não estar completamente adaptado às guerras irregulares é, de certo modo, de estranhar, visto que após uma breve análise da história militar norte-americana é possível visualizar uma grande variedade de conflitos não convencionais (Hoffman, 2007, pp 44 e 45).

Um desses conflitos foi a Guerra da Independência dos EUA, que decorreu entre 1775 e 1783. Este conflito foi inicialmente travado entre o exército continental,

¹⁴ "(...) *the first hybrid warfare we know of might be the Trojan Horse, so we have seen it before*"

¹⁵ Secretário-geral da NATO.

comandado por George Washington¹⁶, cujo sucesso se deve em grande parte ao emprego de forças irregulares (milícias populares) e a Grã-Bretanha, sendo que após a vitória do general Horatio Gates¹⁷, em outubro de 1777, em Nova Iorque, a França entrou neste conflito ao lado dos americanos (Hoffman, 2007, pp 44 e 45).

As grandes dificuldades dos britânicos residiram essencialmente:

- Na carência de provisões;
- Na dificuldade de comunicação;
- Na hostilidade da população;
- Na falta de experiência no combate contra táticas de guerrilha.

(Hoffman, 2007, pp 44 e 45)

Este conflito é classificado como uma clássica guerra composta (que é uma subcategoria da guerra híbrida), uma vez que existia uma separação clara entre as forças convencionais e as forças irregulares (Hoffman, 2009, para.16).

Após a Guerra da Independência dos Estados Unidos os americanos tiveram de se adaptar ao conflito com os índios nativos das planícies - também este um exemplo de conflito não convencional, sendo que ao contrário do conflito anterior, o exército dos EUA agora empregava táticas convencionais (Hoffman, 2007, pp. 44 e 45).

Este conflito decorreu durante o final do século XIX e o início do século XX. Esta série de guerrilhas, deu-se essencialmente devido à colisão de interesses, isto é, os EUA queriam expandir o seu território e a sua economia e para isso precisavam dos terrenos ocupados pelos nativos, sendo que, após 1870, as motivações para tentarem ocupar os territórios indígenas aumentaram devido à existência de ouro nessas áreas (Hoffman, 2007, pp. 44 e 45).

Outro exemplo de conflito irregular foi a insurgência das Filipinas, que decorreu entre 1899 e 1902. De um lado estava o exército dos EUA, que queria alcançar um império ultramarino e do outro lado estava o povo filipino que queria conquistar a

¹⁶Desempenhou a função de comandante do Exército Continental durante a Guerra da Independência Estados Unidos e posteriormente foi o primeiro presidente do Estados Unidos (1789 - 1797).

¹⁷ Ex-soldado britânico que desempenhou a função de general nos Estados Unidos durante a Guerra Revolucionária Americana.

liberdade. À semelhança do conflito anterior o exército dos EUA utilizou táticas convencionais, enquanto os filipinos optaram pelo emprego de táticas de guerrilha (Hoffman, 2007, pp. 44 e 45).

Através dos parágrafos anteriores é possível verificar que as guerras híbridas não foram praticadas apenas pelos EUA. Ao longo da história são inúmeros os conflitos que se podem classificar como híbridos. Um deles foi a guerra Franco-Indígena. Esta ocorreu entre 1754 e 1763, tendo sido disputada entre os franceses e os britânicos nas suas colónias na América do Norte.

Durante esse conflito, tanto as forças convencionais britânicas como as francesas contavam com o auxílio de forças indígenas e mercenárias. Este facto conferiu-lhe a classificação de conflito híbrido (Hoffman, 2009, para.16).

A era napoleónica (1799 - 1815) encontra-se geralmente associada a grandes exércitos convencionais contudo, durante esta época também foram registados alguns conflitos que podem ser caracterizados com híbridos. Um deles ocorreu durante a invasão francesa em Espanha. Durante esta invasão os guerrilheiros espanhóis invadiram as linhas de comunicação do inimigo.

Neste mesmo período, durante a Guerra Peninsular (1807 - 14) o Exército regular anglo-português uniu-se às guerrilhas portuguesas tornando possível a expulsão de Napoleão de Portugal. Deste modo, é possível verificar que Portugal já utilizou métodos híbridos em seu próprio benefício, não sendo portanto uma novidade.

A segunda guerra Boer disputada entre o Reino Unido e os fundadores das repúblicas independentes de Transvaal e Orange entre 1899 e 1902, no nordeste da África do Sul, à semelhança dos anteriores, também apresenta algumas características inerentes à guerra híbrida, tais como a artilharia moderna utilizada pelos Boers, assim como a sua mobilidade e estrutura de comando (Hoffman, 2009, para.19).

Este tipo de conflitos irão representar um novo período de guerras e consequentemente também irão levar ao desenvolvimento de novos ideais sobre "novas guerras" entre os teóricos europeus (Hoffman, 2007, p. 35).

A guerra da independência da Irlanda ou guerra Anglo-Irlandesa disputada entre o exército republicano irlandês e o exército britânico entre 1919 e 1920 é sinónimo de

um bom exemplo de conflito híbrido. Tendo-se caracterizado essencialmente pelos confrontos de baixa e média intensidade entre guerrilhas (Hoffman, 2007, p. 35) .

O retorno francês à Indochina contra Viet Ming¹⁸ teve início após término da segunda guerra mundial (1939 - 1945) e decorreu até 1954. Esta guerra é também um bom exemplo dos conflitos pertencentes ao novo período de guerras (Hoffman, 2009, para.21).

Durante este conflito Viet Ming tinha a oportunidade de conduzir a guerra de uma forma fluída através das capacidades convencionais modernas que a sua força possuía. No entanto, as forças de Viet Ming optaram pela utilização de elementos híbridos em Dien Bien Phu¹⁹ revelando-se uma boa opção (Hoffman, 2009, para.21).

Em novembro de 1953, milhares de paraquedistas franceses tentaram ocupar esta região, visto que acreditavam que a localização de Dien Bien Phu era a ideal para passarem despercebidos. Contudo, tal não se verificou e em 1954 os franceses acabaram por ficar sem munições e como consequência tiveram de se render aos vietnamitas.

Contudo, o fracasso dos franceses não se deveu apenas às técnicas utilizadas pelos Viet Ming. A escassa escolha de terrenos por parte do general Henri Navarre²⁰ e a elevada dependência francesa pela logística fornecida pelo ar também contribuíram para o fracasso dos franceses (Hoffman, 2009, para.21).

À semelhança dos conflitos descritos anteriormente, as capacidades reveladas pelos Mujahideen²¹ ou "guerreiro santo" no Afeganistão, durante a década de 80, também revelaram diversas características híbridas.

¹⁸ Foi um movimento revolucionário criado por Ho Chí Minh em 1941 que tinha como objetivo obter a independência do Vietname.

¹⁹ Região situada numa zona estrategicamente mais elevada sobre a bacia do alto de Tonkin a noroeste do Vietname.

²⁰ O General Henri Eugène Navarre além de ter participado na guerra da Indochina através do comando do CFEO (*Corps Expéditionnaire Français en Extrême-Orient*) também combateu na Primeira e na Segunda guerras mundiais.

²¹ O termo Mujahideen é aplicado maioritariamente a combatentes armados inspirados no fundamentalismo islâmico, no entanto este termo abrange de igual modo os que combatem pela família, pela pátria e pelo estado (Hoffman, 2007, p. 35).

Segundo T. X. Hammes²² os afegãos representaram uma ameaça híbrida para os russos na década de 1980. As forças irregulares afegãs adquiriram armamento convencional americano como o míssil antiaéreo *Stinger*. Esta aquisição fez com que os afegãos conseguissem compensar o poder de fogo soviético (Hoffman, 2009, para.23).

O caso da insurgência dos rebeldes chechenos contra o domínio russo em meados da década de 1990 também foi considerado como um exemplo de guerra híbrida (Hoffman, 2007, p. 35).

Durante este conflito, a Rússia enfrentou um tipo de guerra para a qual não estava bem preparada. Os chechenos misturavam capacidades convencionais, táticas irregulares, operações de informação e terrorismo deliberado. Travaram guerras não só no território da Chechênia, como também no território russo através de ataques terroristas de alta visibilidade e vários incidentes que envolveram reféns (Hoffman, 2007, p. 35).

Esta série de golpes levou Moscovo a retirar as suas forças e a pedir a paz. Sendo que só após a subida de Vladimir Putin²³ ao poder em 2012 é que a Rússia conseguiu derrotar os rebeldes.

Outro conflito híbrido presente na história ocorreu durante a era pós-Jugoslávia nas Balcãs ou península Balcânica. A Jugoslávia²⁴ manteve-se pacífica até à morte de Tito em 1980. Ao longo dos anos seguintes a insatisfação da população foi aumentando, tendo atingido o seu auge durante a década de 1990. Em 1991 iniciou-se a fragmentação da Jugoslávia (Hoffman, 2007, p. 35).

Contudo, foi apenas na segunda metade da década de 1990 que os conflitos se intensificaram devido à guerra do Kosovo²⁵. Durante este conflito assistiu-se a uma

²²Thomas X. Hammes ingressou no INSS (*Institute for National Strategic Studies*) em junho de 2009 sendo que as suas áreas de especialização residem nos conflitos futuros, na estratégia militar e insurgência.

²³ É o atual presidente da Rússia tendo iniciado o seu mandato em 2012.

²⁴ A Jugoslávia foi formada em 1945, um estado socialista liderado pelo marechal Tito. A Jugoslávia tinha quatro idiomas, três religiões, dois alfabetos, seis repúblicas e um único líder.

²⁵ A guerra do Kosovo decorreu entre 1998 e 1999. Na qual de um lado estavam as forças de segurança da Sérvia e da Jugoslávia e do outro estava o exército de libertação do Kosovo (guerrilha formada por integrantes de origem étnica albanesa) que queria a independência do seu país. A NATO também interveio neste conflito contra a Jugoslávia, alegando motivos humanitários.

clara melhoria da defesa aérea e à utilização de táticas urbanas irregulares (Hoffman, 2009, para. 25).

Em todos os casos descritos anteriormente é possível verificar a utilização tanto de táticas convencionais, como também de táticas irregulares, de terrorismo e de atividade criminosa. Contudo, não é possível encontrar nem a multidimensionalidade, nem a integração operacional, nem a exploração do domínio da informação com o grau que é visível nos dias de hoje ou com o grau esperado para o futuro. Estes casos aqui apresentados são a primeira geração de guerra híbrida (Hoffman, 2007, p.35).

Os conflitos que têm decorrido durante as duas últimas décadas têm representado "novas maneiras de fazer guerra", caracterizada pela complexidade, ambiguidade e assimetria dos meios e da forma (Palmer, 2015, p.1).

Deste modo, o 11 de setembro de 2001²⁶ representa um marco muito importante. Este ataque terrorista representa o fim de uma era de guerra e o início de uma nova, bastante diferente da guerra à qual a população mundial está habituada, colocando a luta antiterrorista como uma prioridade na agenda de segurança. Um marco representativo do início desta luta é a invasão do Afeganistão em outubro de 2001 pelas forças americanas (Hoffman, 2007, pp.11 e 13).

²⁶ Série de ataques suicida contra os EUA coordenados pela Al-Qaeda, nos quais aproximadamente três mil pessoas perderam a vida. Os EUA responderam a estes ataques através da invasão do Afeganistão em outubro de 2001 e do Iraque em 2003. Após estes ataques vários países por todo o mundo reforçaram ou criaram legislação antiterrorista.

Capítulo 4 - Guerra híbrida na atualidade

"Os conflitos entre Estados do século XX foram substituídos por guerras híbridas e assimétricas, nas quais não existe uma distinção clara entre militares e civis e entre a violência organizada, o terror, o crime e a guerra."²⁷

(Referido por Alan Dupont em 2002 como citado em Hoffman, 2007, p. 11)

"O empenhamento de grandes forças a nível estratégico e operacional tem-se tornado cada vez mais uma coisa do passado. As operações conduzidas a longa distância e nas quais não existe contato com o inimigo estão-se a tornar o principal meio para o alcance dos objetivos operacionais e de combate."²⁸

(Referido pelo general Gerasimov²⁹ em 2013, como citado em Palmer, 2015, p.6)

O Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas russas afirmou recentemente que os conflitos modernos já não são anunciados como antigamente (Mota, 2017, p.15).

A adoção por parte da Rússia de meios híbridos levantou duas questões fundamentais:

- Será que a guerra híbrida apresenta uma nova transformação da guerra devendo ser classificada como uma RMA (*Revolution in Military Affairs*) estabelecendo um novo paradigma estratégico?
- Será que esta nova postura política russa é sinónimo de um ressurgimento da Guerra Fria³⁰ e da restauração da competitividade entre o ex-Pacto de Varsóvia³¹ e a NATO, como aconteceu no período compreendido entre 1970 e 1980.

²⁷ "The state on state conflicts of the 20th century are being replaced by Hybrid Wars and asymmetric contests in which there is no clear-cut distinction between soldiers and civilians and between organised violence, terror, crime and war."

²⁸ "Frontal engagements of large formations of forces at the strategic and operational level are gradually becoming a thing of the past. Long-distance, contactless actions against the enemy are becoming the main means of achieving combat and operational goals."

²⁹ Atual chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas russas.

³⁰ Decorreu no período entre o final da segunda guerra mundial (1945) e a extinção da União Soviética (1991). A guerra fria deu-se devido à disputa entre os EUA e a União Soviética pela hegemonia política, económica e militar do mundo. Designa-se de guerra fria uma vez que se trata de um conflito que

(Palmer, 2015, p.2)

É importante ter em consideração que o conceito de guerra híbrida não descreve nem prevê um cenário teórico. Baseia-se em observações empíricas da evolução da guerra, particularmente no pós Guerra Fria (Jacobs, Lasconjarias, 2015, p.3).

Cabe aqui realçar a guerra entre o Hezbollah e Israel em 2006, o conflito no Iraque e Síria desde 2013, a situação atual na Líbia e, mais importante, a agressão russa contra a Ucrânia desde 2014.

4.1 Desenvolvimento dos conflitos híbridos

Segundo a QDR (*Quadrennial Defence Review*)³² do Pentágono de 2006, "No mundo pós-11 de setembro, a guerra irregular surgiu como a forma dominante da guerra". Contudo, Mao³³, já tinha afirmado que este tipo de conflito é muito mais complexo, sendo constituído por várias componentes. Também sugeriu que o poder militar por si só não era suficiente para servir os interesses estratégicos de uma nação (Hoffman, 2007, pp.11 e 13).

Existem diversos exemplos de conflito híbridos mais recentes, que ocorreram após o 11 de setembro, nos quais também se pode verificar que adversários irregulares têm vindo a adotar táticas e modos de operação diferentes, com o objetivo de compensar o poder de fogo das forças opositoras e de retirar alguma vantagem no que toca à recolha de informação, à vigilância e ao reconhecimento dos locais (Hoffman, 2007, p.15).

O Afeganistão é um desses exemplos tendo-se iniciado em 2001. Este conflito também é conhecido como a segunda guerra do Afeganistão tendo sido disputado pelos EUA e pelos talibãs.

aconteceu apenas no campo ideológico não existindo nenhum confronto militar direto. No entanto os dois países acabaram por alimentar lados opostos de outros conflitos como é o caso do Vietname e da Coreia.

³¹ Aliança militar formada em 1955 pelos países socialistas da Europa do leste e pela União soviética.

³² É uma revisão legislativa, realizada pelo Departamento de Defesa. A QDR define os objetivos a longo prazo do DOD (*Department of Defence*).

³³ Mao Tse-tung, viveu entre 1893 e 1976, governou a Republica Popular da China desde 1946 até à sua morte. Foi um importante comunista e pensador político.

Os EUA, com o apoio da aliança do norte³⁴ e de alguns países ocidentais, invadiram o Afeganistão sem a autorização das Nações Unidas, afirmando que o objetivo da invasão seria encontrar Osama Bin Laden³⁵ (entre outros líderes de Al-Qaeda³⁶), destruir esta organização e retirar o poder ao regime talibã

Outro exemplo de um conflito pós 11 de setembro, foi a guerra do Iraque ou operação Liberdade do Iraque, que se iniciou em 2003, quando os EUA e Inglaterra, com o apoio da Austrália, Dinamarca e Polónia, invadiram o Iraque tendo-se retirando completamente apenas em 2011.

Os países invasores alegaram que o regime de Saddam Hussein³⁷ estava a desenvolver armas químicas e biológicas que seriam posteriormente fornecidas a terroristas. Contudo a ONU (Organização das Nações Unidas) nunca chegou a encontrar qualquer indício dessas mesmas armas.

A guerra civil da Líbia, que começou em 2011 representa outro exemplo de um conflito híbrido recente. Este iniciou-se com diversos protestos contra o governo de Muammar Gaddafi³⁸. Os principais motivos apresentados contra este governo foram: a falta de liberdade de expressão, o autoritarismo do governo e a dificuldade em exercer liberdade política.

O general Gerasimov considerou este conflito como uma "típica guerra do século XXI", na qual é dada primazia aos meios não-militares para alcançar os objetivos políticos e estratégicos (Johnson, 2015, p.6).

Nos casos descritos anteriormente, é possível verificar o envolvimento de uma mistura de guerra de alta tecnologia, da utilização de poder aéreo e de ataques de mísseis de cruzeiro, assim como também é possível verificar a utilização de forças

³⁴ Organização político-militar criada pelo Estado Islâmico do Afeganistão em 1996.

³⁵ Membro fundador da organização terrorista Al-Qaeda. A partir de 2001 tornou-se um dos maiores alvos da Guerra ao Terror tendo sido morto em 2011 numa operação militar realizada pelo *Joint Special Operations Command* e pela CIA (*Central Intelligence Agency*) nos arredores de Abbottabad.

³⁶ Organização fundamentalista islâmica constituída por células fundada em 1988. Al-Qaeda é liderada por Ayman al-Zawahiri desde 2011.

³⁷ Foi o quinto presidente do Iraque (1979 - 2003) tendo acumulado com o cargo de primeiro-ministro entre 1979 e 1991 e entre 1994 e 2003. Representa uma das principais lideranças ditatoriais no mundo árabe. Faleceu em 2006 depois de ter sido condenado à morte.

³⁸ Esteve no poder desde 1 de setembro de 1969 após um golpe de estado até agosto de 2011.

especiais nos ataques iniciais, que geralmente se seguiram pela implantação de forças convencionais (Gardner, 2015, p.4).

4.1.1 Campanha híbrida do autodenominado Estado Islâmico

"(...) A Guerra Híbrida não se limita ao terrorismo através da internet, combina-o com as ambições territoriais e com algumas das estratégias e táticas utilizadas por um exército."³⁹

(Referido por Barack Obama⁴⁰ em setembro de 2014, como citado em Jacobs, Lasconjarias, 2015, p.5)

Um caso bastante recente é a atual campanha militar do autodenominado Estado Islâmico na Síria e no Iraque. Sendo que também se tem verificado a presença desta milícia terrorista noutras regiões, incluindo no Ocidente, tendo por diversas vezes demonstrado capacidades híbridas.

O autodenominado Estado Islâmico foi fundado no início de 2000, tendo sido mais tarde reforçado com ex-oficiais do exército de Saddam Hussein; com a população das tribos sunitas locais; com combatentes chechenos com experiência em guerra irregular e por jihadistas estrangeiros provenientes de todo o mundo (Jacobs, Lasconjarias, 2015, p.5).

Para as operações militares esta milícia terrorista conta com uma vasta rede de informadores locais. As suas operações distinguem-se pela utilização de bombas; artilharia e morteiros. Realiza diferentes tipos de ataques, incluindo ataques suicidas e químicos. Muitas destas operações são conduzidas por equipas pequenas altamente móveis e que se deslocam em *Humvees* ou em *pick-ups*, equipadas com artilharia pesada (Jacobs, Lasconjarias, 2015, p.5).

A propaganda utilizada pelo autodenominado Estado Islâmico tem-se mostrado um grande aliado. Esta assenta essencialmente no califado⁴¹, que é utilizado como uma

³⁹ "(...) sort of a hybrid of not just the terrorist network, but one with territorial ambitions, and some of the strategy and tactics of an army."

⁴⁰ Foi o 44º presidente dos Estados Unidos tendo o seu mandato decorrido entre 2009 e 2017.

⁴¹ Sistema de governo de um estado islâmico que combina a liderança política e a religiosa no califa.

fonte religiosa de legitimidade e com um intuito de degradar a imagem muçulmana dos seus opositores (Jacobs, Lasconjarias, 2015, p.5).

O financiamento das suas operações não depende apenas de doações. O autodenominado Estado Islâmico tem conseguido adquirir fundos através da atividade criminosa, como por exemplo o contrabando, a venda de petróleo, os sequestros, a chantagem e os impostos cobrados às populações locais que vivem sob o controlo do autodenominado Estado Islâmico (Jacobs, Lasconjarias, 2015, p.5).

Ao longo dos tempos, o autodenominado Estado Islâmico tem-se mostrado bastante adaptável. Inicialmente era considerada como uma organização terrorista tendo posteriormente evoluído gradualmente até se tornar um ator híbrido, envolvendo-se nas guerras civis iraquianas e sírias. Através da conquista de território iraquiano e sírio em 2013, o autodenominado Estado Islâmico tornou-se bastante semelhante a um estado convencional (Jacobs, Lasconjarias, 2015, p.5).

No entanto, existem diversas potências estrangeiras (regionais e globais) que se têm envolvido neste conflito, como por exemplo a coligação internacional e as forças iraquianas. Como consequência, o autodenominado Estado Islâmico tem regredido o seu território (como é visível na figura Figura 4) agindo novamente como um ator híbrido.

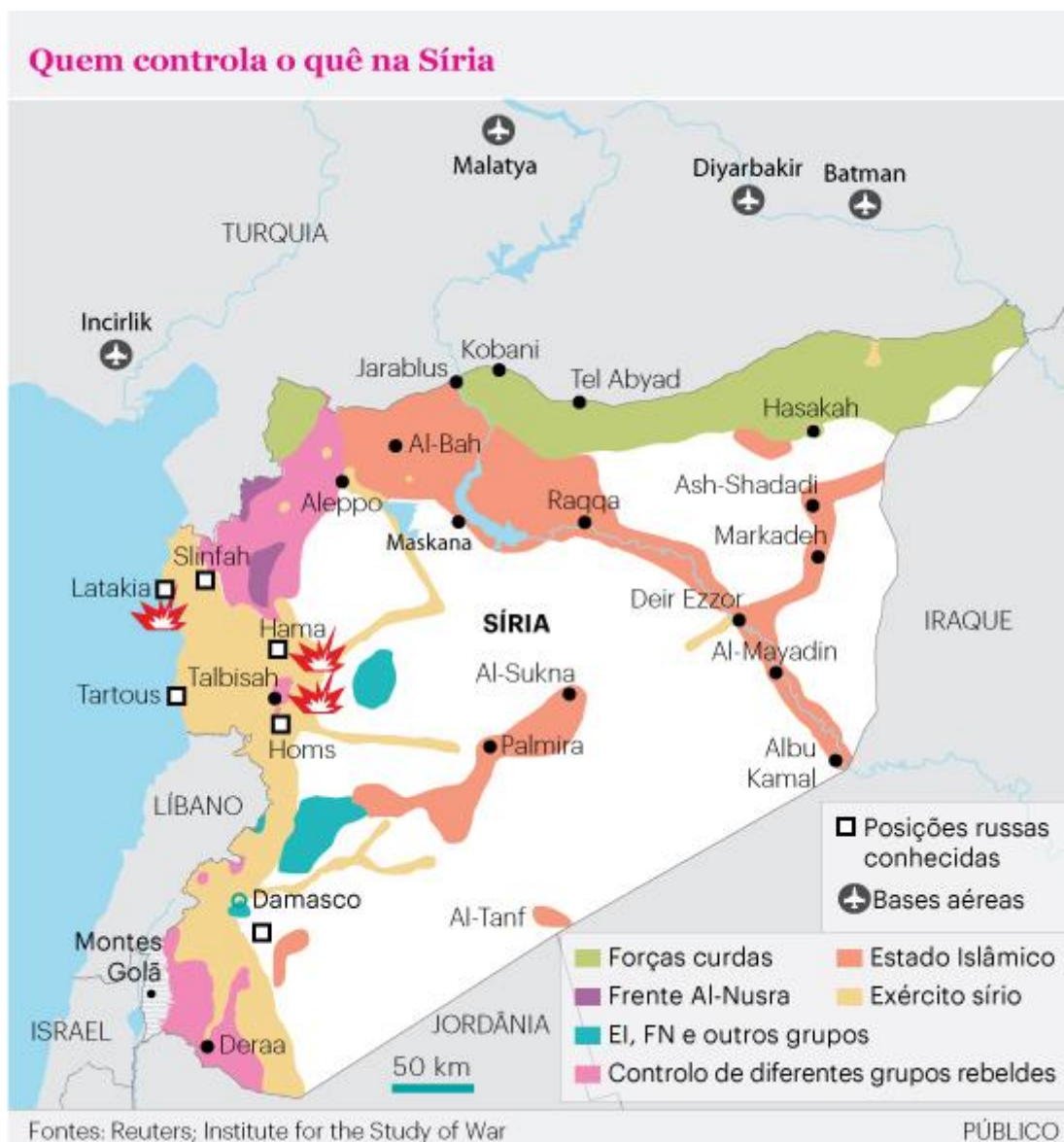


Figura 4 - Síria⁴²

A coligação internacional tem implementado meios não convencionais contra este ator híbrido, através de uma combinação entre o poder aéreo tradicional, o fornecimento de armas e o envio de auxílio às tropas do governo iraquiano (Jacobs, Lasconjarias, 2015, pp.5 e 6).

Esta estratégia tem como base:

- A contraofensiva militar;

⁴²Fonte: <https://www.publico.pt/2015/09/30/mundo/noticia/as-forcas-em-combate-na-siria-1709616>. Acedido a 23 de março de 2017.

- O controlo das fronteiras;
- A interrupção de financiamento;
- A proteção das minorias;
- A coordenação dos esforços relativamente à contra ideologia, por parte das autoridades muçulmanas;
- E a prevenção da exploração dos meios de comunicação para o recrutamento e formação.

(Jacobs, Lasconjarias, 2015, pp.5 e 6)

4.1.2 A Rússia e o Irão semelhanças e diferenças

Acontecimentos mais contemporâneos mostram que a guerra híbrida tem vindo a ser adotada tanto pela Rússia, como pelo Irão, sendo a versão iraniana de guerra híbrida no Iraque muito semelhante à versão russa utilizada no leste da Ucrânia.

Após a intervenção militar liderada pelos EUA no Iraque em 2003 o Irão esperava que os Estados Unidos mantivessem a sua presença militar de modo a que o Irão conseguisse alcançar alguma influência nas zonas predominantemente xiitas do Iraque em grande parte a partir de guerras irregulares. Do mesmo modo a estratégia e as táticas (em grande parte "não-lineares" ou "híbridas") utilizadas pela Rússia na Ucrânia desde 2014 parecem projetadas para combater a influência da NATO e da UE (União Europeia) na Ucrânia (Gardner, 2015, p.1).

Contudo, é de ressaltar que a Rússia possui capacidades militares e tecnológicas muito mais desenvolvidas do que o Irão. Sendo que ambos os países utilizaram milícias irregulares apesar de serem atores estatais.

Ao contrário dos atores não-estatais que maioritariamente só conseguem alcançar os seus objetivos através de confrontos diretos, a Rússia pretendia atingir as suas metas políticas sem a utilização ou com uma utilização muito limitada da força militar (Palmer, 2015, p.1).

Após a queda do regime Ba'athist⁴³ em maio de 2003, o Irão começou a infiltrar alguns agentes do governo nos milhares de refugiados iraquianos que regressavam ao Iraque, assim como também no governo de Nouri Al-Malihi⁴⁴ (2006-14). Todavia esta presença iraniana tem sido contrabalançada com o surgimento de vários movimentos pan-sunitas como por exemplo o autodenominado Estado Islâmico. Este movimento levou a que vários países⁴⁵ se unissem no desenvolvimento de esforços com o intuito de conseguirem estabelecer uma força militar conjunta contra esta organização terrorista (Gardner, 2015, p.8).

Este método utilizado pelo Irão, o modo como infiltrou os seus agentes no Iraque, serviu de base para a Rússia desenvolver novas estratégias, levando à utilização dos "pequenos homens verdes" - elementos da unidade de operações especiais que surgiram na Crimeia, como uma ferramenta política e militar eficaz contra o seu país vizinho.

O grande objetivo das ações iranianas consistia em mostrar aos EUA os custos da mudança de regime "democrático"; pressionar as forças americanas com o intuito de estas abandonarem o país e dissuadir o governo de Bush⁴⁶ da utilização do Iraque como base contra o Irão.

Já a Rússia⁴⁷ tinham como objetivo enfraquecer a Ucrânia impedindo-a de dispensar a frota russa do Mar Negro e, conseqüentemente, impedindo que a NATO ou a Ucrânia utilizassem a Crimeia como base naval contra os interesses russos.

Porém, é importante referir que antes da anexação da Crimeia por parte dos russos esta recebia a sua energia a partir da Ucrânia. No entanto, de modo a estabelecer

⁴³ Partido político com sede em Bagdá. Em 1966 dividiu-se metade foi chefiada em Damasco estabelecendo o partido na Síria e a outra metade continuou em Bagdá. Este partido governou o país entre 1968 e 2003 sob a liderança de Saddam Hussein.

⁴⁴ Viveu no exílio desde 1980 após o governo de Saddam Hussein o ter condenado à morte, voltando ao Iraque após a queda de Saddam. Sendo nomeada primeiro-ministro em abril de 2006 e tendo exercido essa função até setembro de 2014.

⁴⁵ Os EUA, os países europeus, a Rússia, o Irão, a Arábia Saudita e alguns países árabes do Golfo.

⁴⁶ George W. Bush foi o 43º presidente dos Estados Unidos da América entre 2001 e 2009.

⁴⁷ Tem vindo a aumentar a sua capacidade operacional e militar desde 2007-2008, o que pode ser comprovado através das operações levadas a cabo para ocupar a Crimeia, entre fevereiro e março de 2014, através do apoio prestado às forças separatistas no leste da Ucrânia e através do ritmo de formação e de atividades cada vez mais elevado (Palmer, 2015, p.2).

um controlo político eficaz na região, a Rússia "nacionalizou" a empresa ucraniana⁴⁸ que operava na Crimeia. Devido à elevada assimetria das forças militares de ambos os países, a Ucrânia não teve qualquer hipótese de fazer frente à Rússia (Grubliauskas, Ruhle, 2015, p.2).

Deste modo a Rússia conseguiu assegurar um fornecimento estável de energia para a região tornando-a independente da Ucrânia, o que se revelou fundamental para o controlo efetivo da região.

Esta ação da Rússia revelou-se um requisito essencial e um facilitador para o controlo territorial. Teria sido impossível para a Rússia ocupar ilegalmente a Crimeia sem antes garantir o fornecimento independente de energia para a região. Além disso, o controlo das instalações *offshore* que se estendiam desde a costa da Crimeia até à fronteira marítima com a Roménia permitiu que a Rússia expandisse o seu domínio no Mar Negro (Grubliauskas, Ruhle, 2015, p.2).

A decisão tomada por Putin de anexar a Crimeia baseou-se em parte na revolução laranja de Viktor Yushchenko⁴⁹ que havia dado a Moscovo um prazo até 2017 para retirar a frota russa do Mar Negro. Contudo, com a eleição de Viktor Yanukovich⁵⁰ a Ucrânia acabou por adotar uma postura neutra uma vez que não se uniu nem à NATO, nem ao CSTO (*Collective Security Treaty Organization*). Em 2010, a Ucrânia e a Rússia assinaram um acordo em que a frota russa do Mar Negro⁵¹ poderia utilizar a base naval em Sevastopol até 2040-45 (Gardner, 2015, p.9).

No entanto, com os protestos de Maidan⁵², a energia ucraniana-russa, a economia e as operações da frota no Mar Negro entraram em colapso. Estes

⁴⁸ Também nacionalizou os ativos energéticos *onshore* e *offshore* da Chornomornaftogaz (Grubliauskas, Ruhle, 2015, p.2).

⁴⁹ Desempenhou as funções de presidente e de primeiro-ministro da Ucrânia entre 1999 e 2001. Foi o líder da revolução laranja (2004 - 2005) que o conduziu ao poder, tendo desempenhado a função de presidente da Ucrânia entre 2005 e 2010.

⁵⁰ Ex-presidente ucraniano, considerado simpatizante da Rússia. Desempenhou as funções de presidente da Ucrânia entre 2010 e 2014 (Gardner, 2015, p. 9).

⁵¹ Incluía a 810ª Brigada Naval de Infantaria Independente, assim como também, alguns operacionais da KSO (*Special Operations Command*) que foram sendo infiltrados.

⁵² Ou revolução ucraniana decorreu entre 2013-14, na qual os manifestantes se opuseram à presença da frota russa no Mar Negro em Sevastopol e esperavam que a Ucrânia se juntasse à UE ou à NATO ou que pelo menos formasse acordos de cooperação que a aproximasse dessas organizações (Gardner, 2015, p.9).

movimentos também levaram a que o primeiro-ministro Yanukovych abandonasse a Ucrânia (Gardner, 2015, p.9).

Enquanto a maioria dos ucranianos se referem aos protestos de Maidan como uma "revolução de dignidade", algumas regiões do leste e do sul consideraram-nos como atos contra o governo de Yanukovych (Gardner, 2015, p.9).

Neste sentido, o apoio americano e europeu dado a estas manifestações pode ser caracterizado como uma nova forma de "mudança de regime" geralmente não-violento, cujo objetivo é denegrir a imagem dos líderes autoritários por meio de protestos e de desobediência civil (Gardner, 2015, p.9).

O colapso do governo de Yanukovych representou o fim de uma campanha prolongada da Rússia para reorientar a Ucrânia para o leste, através de meios não-militares, tais como: pressões diplomáticas; subversão política e cultivo de divisões étnicas (Johnson, 2015, pp.8 e 11).

Esta campanha inicial de Moscovo tinha como objetivo evitar uma ação cinética direta, de modo a garantir que os combates posteriores pudessem ocorrer nos termos que mais lhes conviesse (Mota, 2017, p.15).

Após a remoção de Yanukovych, a Rússia recusou-se a reconhecer o novo governo interino da Ucrânia, que, por sua vez, já tinha assinado um acordo de associação com a EU. Deste modo, Moscovo aumentou a sua interferência no leste da Ucrânia aproveitando o apoio de movimentos separatistas pró-russos e anti governo que se faziam sentir na região de Donbas. Este vazio de poder criou a oportunidade ideal para a Rússia agir através da utilização de meios não-lineares/ híbridos.

Assim sendo, esta adoção da guerra híbrida por parte da Rússia resultou de uma combinação entre a oportunidade de atingir os seus objetivos políticos, através de meios não-militares e a necessidade de evitar o uso altamente destrutivo e potencialmente decisivo da força pelo adversário (Palmer, 2015, p.3).

Moscovo levou cerca de quatro dias (22 a 26 de fevereiro de 2014) a tomar a decisão de transitar da fase não militar para a fase de ação militar propriamente dita.

Após essa decisão de mudança de fases, levada a cabo pela Rússia, deu-se o início da mobilização das forças de combate.

Um dia após o início da mobilização as forças militares convencionais começaram a concentrar-se na fronteira ocidental da Ucrânia. Esta concentração constituiu uma manobra de diversão militar efetiva, desviando a atenção dos "pequenos homens verdes" constituídos por elementos das forças especiais (*Spetsnaz*⁵³) que começaram a surgir na Crimeia na mesma altura. Estes tinham como função estabelecer e controlar as unidades insurgentes que atuavam em prol das intenções russas.

No dia 28 de fevereiro os "pequenos homens verdes" já detinham o controlo de pontos estratégicos militares e governamentais importantes, incluindo o edifício do parlamento da Crimeia e as bases ucranianas existentes na península.

As forças militares locais eram constituídas sobretudo por técnicos e mecânicos. O que aliado ao facto de a população local se encontrar descontente devido à negligência e à má administração por parte do governo de Kiev nas duas décadas precedentes, levou a que grande parte se encontrasse disposta a aliar-se à Rússia (Mota, 2017, p.17).

Apesar das fardas que envergavam e do armamento russo moderno que utilizavam, a falta de insígnias nestes "pequenos homens verdes" sustentava o discurso de Moscovo que garantia que estes não faziam parte das tropas russas, afirmando que pertenciam às forças de segurança locais (Mota, 2017, p.17).

Esta manobra política mostrou-se suficiente para criar alguma incerteza na NATO e na Ucrânia, impedindo que estas aplicassem contramedidas eficazes e dando tempo suficiente aos russos e aos seus aliados locais para assumirem posições de comando em toda a Crimeia (Mota, 2017, p.17).

Foram necessários mais dezasseis dias para organizar e conduzir o referendo sobre a unificação da Crimeia à Rússia (área representada na figura 5), sendo assinado por Putin doze dias depois. Perfazendo deste modo um total de vinte e oito dias desde o

⁵³ Designação atribuída às forças especiais russas.

início da fase militar da operação até ao final com a formalização sobre a anexação da Crimeia (Johnson, 2015, p.9).



Figura 5 - Área anexada pela Rússia⁵⁴

Durante este período as forças convencionais russas continuaram a concentrar-se na fronteira oriental da Ucrânia. Deste modo poderiam responder a qualquer retaliação militar ucraniana (ou exterior à Ucrânia) contra a Rússia (Johnson, 2015, p.8).

Moscovo demonstrou uma grande capacidade de coordenação em diferentes níveis (militar e não-militar), sendo esta reforçada através: do seu sistema autocrático; da tomada de decisão ser cada vez mais centralizada; e da melhoria a nível de comando e controlo no governo e nas forças armadas (Johnson, 2015, p.9).

⁵⁴Fonte:<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/34477/anexacao+de+crimeia+a+russia+e+destaque+da+semana+em+opera+mundi.shtml#>. Acedido a 23 de março de 2017.

A Rússia comprovou a sua elevada capacidade de emprego de diversas capacidades: táticas, operacionais e estratégicas.

- Ao nível tático a Rússia demonstrou ser capaz de empregar em simultâneo forças regulares, irregulares e de operações especiais.
- Ao nível operacional Moscovo coordenou de forma eficaz as ações de guerra de informação e psicológica enquanto infiltrava meios e forças no território apoiando os rebeldes.
- Ao nível estratégico a Rússia utilizou de forma coordenada e sincronizada os seus instrumentos de poder militar, diplomático, económico e informacional de forma a alcançar os seus objetivos

(Referido por Davis Jr., 2015, pp. 21 a 23, como citado em Fernandes, 2016, p.30)

Os analistas do estado-maior russo caracterizaram estas ações militares russas essencialmente como não-lineares/ híbridas principalmente devido a vários acontecimentos nomeadamente:

- O carácter oculto da maioria das operações conduzidas;
- O desempenho bastante decisivo das atividades no espaço da informação;
- A camuflagem dos objetivos reais;
- O reforço do papel da cooperação interinstitucional;
- As ações conduzidas por órgãos unificados que incluíam representantes de estruturas governamentais.

(Johnson, 2015, p.8)

Inicialmente, esta abordagem russa classificada como guerra híbrida pelos EUA, foi tratada como um novo fenómeno. No entanto, foi-se reconhecendo que as capacidades e os métodos empregues pela Rússia não eram novos, embora existissem algumas inovações em termos de aplicabilidade (Johnson, 2015, pp.1 e 2).

Assim sendo, a abordagem russa baseia-se numa combinação de:

- Conclusões retiradas a partir da evolução da tecnologia militar desde os anos 70 e de conflitos que decorreram desde o fim da guerra fria;

- Novos conceitos ou adaptações das percepções referidas acima;
- Tecnologia avançada;
- Posição geoestratégica da Rússia;
- Circunstâncias únicas do regime autocrático da Rússia e decisão altamente centralizada e rápida que este permite.

(Johnson, 2015, pp.1 e 2)

Alguns especialistas consideram que a abordagem híbrida russa tem como base alguns instrumentos que foram utilizados tanto na guerra com a Geórgia, como na ocupação da Crimeia, sendo de destacar:

- *Agit Prop*: significa "agitação e propaganda", através da propaganda a Rússia procurou criar a sua própria narrativa reforçando a sua mensagem a nível interno e externo, tentando legitimar as suas ações;
- *Maskirovka*⁵⁵: incluía medidas ativas e passivas concebidas para enganar o adversário e influenciar o processo de decisão da opinião pública;
- Utilização de *Spetsnaz*, as forças de operações especiais que são treinadas e equipadas para conduzirem, entre outras, guerras irregulares;
- Utilização de agentes clandestinos dos diversos serviços de informação civil e militar do Pacto de Varsóvia incluindo os designados "agentes adormecidos";
- Guerra eletrónica e guerra cibernética ofensiva com o objetivo de inutilizar a capacidade técnica de um oponente.

(Palmer, 2015, p.9)

As revoluções coloridas⁵⁶ referidas por ex-militares russos como exemplos de "caos controlado" ou como uma "estratégia de desgaste e destruição", revelaram-se um fenómeno muito importante para o desenvolvimento das abordagens híbridas.

⁵⁵ Verificou-se na tentativa de derrube do governo independente da Estónia em 1924 assim como também na Alemanha em 1923 e no Afeganistão em 1979, para onde a Rússia enviou cerca de 700 militares equipados com uniformes afegãos.

⁵⁶ Revolução das rosas em 2003 na Geórgia e a revolução laranja em 2004 na Ucrânia. Ambos considerados pela Rússia como golpes orquestrados pelos EUA e pela UE para a isolarem e para criarem crises de legitimidade levando a mudanças de regime (Johnson, 2015, p.5).

Contudo a Rússia encontra-se numa situação em que muitos dos seus pontos fortes estão limitados pela realidade económica ou geopolítica do país. Sendo este também um dos motivos que levou ao desenvolvimento desta nova abordagem por parte de Moscovo, que tem o objetivo de reforçar as suas forças e reduzir as suas fraquezas. Esta nova abordagem representa de igual modo uma forma mais económica de exercer influência regional e global (Mota, 2017, p.16).

De modo a conseguir defender a sua posição, a Rússia desenvolveu a "doutrina Gerasimov" entre 2010 e 2014. Esta doutrina dá particular relevo à utilização integrada das forças militares e das forças e recursos de carácter não militar. Revela ainda o papel crucial da guerra de informação, com o intuito de alcançar objetivos políticos sem a utilização da força militar. Ou seja, esta doutrina defende a utilização de todos os meios possíveis para confundir, surpreender, imobilizar e, eventualmente, derrotar um oponente (Jacobs, Lasconjarias, 2015, pp.7 e 8).

Moscovo também tem levado a cabo algumas campanhas de desinformação (no país e no estrangeiro), com o intuito de proteger a sua posição perante a comunidade mundial. Nestas campanhas, a Rússia tem-se aproveitado da história da Ucrânia para desacreditar o seu governo.

Desde a crise ucraniana de 2014 que a Rússia tem vindo a ameaçar colocar armas nucleares em Kaliningrado, que como é visível na Figura 6, representa uma elevada ameaça para a Europa. Moscovo também tem vindo a ameaçar utilizar armamento nuclear caso a Ucrânia tome medidas para recuperar a Crimeia.



Figura 6- Kaliningrado⁵⁷

O Presidente Putin destacou a capacidade nuclear da Rússia no contexto da crise ucraniana em agosto de 2014 ao afirmar que:

" (...) É melhor não se meterem connosco(...) Eu quero relembrar-vos que a Rússia é uma das maiores potências nucleares."⁵⁸

(Johnson, 2015, p.9)

Posteriormente também afirmou que a Rússia se encontrava preparada para colocar as suas forças nucleares em estado de alerta sobre a Crimeia, caso fosse necessário, reforçando, deste modo, a impressão que alguns países já tinham, de que a Rússia estava a utilizar as suas forças nucleares para enviar mensagens dissuasoras (Johnson, 2015, p.9).

⁵⁷ Fonte: <https://www.google.pt/maps/place/Kaliningrado>. Acedido a 21 de março de 2017

⁵⁸"partners (...) should understand that it is better not to mess with us (...) I want to remind that Russia is one of the strongest nuclear powers."

Fonte: 29 de agosto de 2014, <http://kremlin.ru/events/president/news/46507>

A Rússia tem demonstrado alguns comportamentos que deixam os países membros da NATO apreensivos. Tais como: o apoio militar prestado à Síria e ao Irão, e a pressão exercida sobre a China e sobre outros países da Ásia Central com o intuito de alcançar uma aliança euro-asiática. Estes comportamentos representam em diferentes dimensões (geoestratégicas, político-económicas, militares-tecnológicas e propagandistas) da versão russa da guerra "não-linear" (Gardner, 2015, p. 5).

A julho de 2015, o Ministério da Defesa russo anunciou alguns planos para colocar um esquadrão de bombardeiros de longo alcance na Crimeia, o que também deixou os países pertencentes à NATO apreensivos, levando-os a reagir, colocando sistemas de defesa aérea e aviões de combate na Roménia, na Bulgária e noutros países nas imediações do mar Negro (Gardner, 2015, pp.12 e 13).

Henry Praks acredita que estes comportamentos manifestados pela Rússia têm como objetivo demonstrar a inutilidade e a incapacidade dos EUA e, por conseguinte, da NATO, procurando uma oportunidade para testar as obrigações ao abrigo do artigo 5º do Tratado do Atlântico Norte (em Anexo A) (Referido por Henry Praks, 2015, pp.1-2, como citado em Fernandes, 2016, p.29).

Apesar da Rússia representar uma potencial ameaça para a NATO e para a Europa, também representa o principal intermediário no auxílio da concretização de uma solução geopolítica para as várias disputas envolvendo a Ucrânia, o Irão, a Síria, o autodenominado Estado Islâmico, a Coreia do Norte, a China entre outros (Gardner, 2015, pp.14 e 15).

As táticas russas de guerra "não linear" utilizadas contra a Ucrânia parecem ser bastante semelhantes às utilizadas pelo Irão em relação às regiões xiitas do Iraque. A grande diferença reside no facto de que a Rússia representa uma potência nuclear com influência mundial, enquanto o Irão representa uma potência regional (Gardner, 2015, p. 12).

Enquanto o Irão colocou centenas de lanchas armadas para perseguirem os navios de guerra dos EUA a partir de diferentes direções no estreito de Ormuz, testando deste modo os tempos de reação dos diversos navios, a Rússia colocou aviões a sobrevoarem o espaço aéreo da NATO, testando, de igual modo, a capacidade de defesa

dos Aliados. Entre março de 2014 e agosto de 2015, existiram, pelo menos, 66 "*close military encounters*" entre as forças militares russas e as da NATO e da UE. A justificação russa para o sucedido centra-se no facto de o número de aviões de combate na missão de vigilância aérea da NATO no Báltico ter aumentado (Gardner, 2015, p. 12).

O Irão e a Rússia terão como objetivo aproveitar as lacunas existentes na defesa do seu rival em termos sociais, políticos, económicos e militares. Utilizando, sempre que possível, diferentes tipos de ataques e/ou de ameaças, com o objetivo final de enfraquecer os EUA e/ou a NATO e tentar deteriorar a hegemonia global americana (Gardner, 2015, p.2).

4.1.3 Líbia como próximo cenário híbrido

Desde 2015 que a Líbia se tem transformado cada vez mais num estado falhado tendo neste momento dois grandes polos políticos: um reconhecido pela parte oriental do país e o outro sediado em Trípoli a oeste. Ambos os polos políticos consolidaram uma força militar e aliados externos ao país. Toda esta situação de instabilidade política na região e de constantes conflitos aumentam a possibilidade de ocorrer um conflito híbrido na Líbia (Jacobs, Lasconjarias, 2015, p.6).

A parte ocidental é controlada por grupos islâmicos que se encontram cada vez mais pressionados por movimentos jihadistas globais e regionais, como a Al-Qaida e o autodenominado Estado Islâmico que pretendem utilizar a Líbia como um novo centro jihadista. A Líbia é considerada uma das linhas da frente mais importantes do califado segundo a autodenominado Estado Islâmico. Esta importância deve-se tanto ao arsenal que este país possui, como também à sua posição geográfica relativamente à Europa. Esta proximidade do continente europeu faz com que a Líbia se torne uma das mais importantes bases estratégicas para atacar a Europa (Jacobs, Lasconjarias, 2015, p.6).

A situação da Líbia ainda não representa um caso de guerra híbrida, contudo apresenta diversas características que podem levar a que evolua para uma guerra híbrida, como por exemplo:

- A presença de organizações terroristas,
- As ajudas externas,

- O envolvimento de potências estrangeiras,
- O desejo de muitos atores de manter o confronto sob o limiar de um confronto militar convencional,
- As atividades criminosas como o tráfico,
- O contrabando de seres humanos,
- E uma forte propaganda baseada em ideologia.

(Jacobs, Lasconjarias, 2015, p.6)

4.2 Implicações da guerra híbrida na atualidade

Um dos problemas da atualidade reside no facto de termos de conseguir responder a atores estatais com capacidades convencionais, assim como, também, ao cenário mais provável, de atores não-estatais, que empregam táticas assimétricas ou irregulares. Porém, não se pode assumir que todos os confrontos estatais sejam inteiramente convencionais.

Deste modo, irá ser cada vez mais difícil categorizar os conflitos futuros, não só no que diz respeito à classificação de uma força como: convencional/ irregular ou estatal/ não-estatal, mas também, no que diz respeito à dimensão do conflito física/cinética e virtual.

A Figura 7 ilustra a combinação de meios convencionais, não-convencionais e assimétricos que caracterizam a guerra híbrida, sendo de destacar a combinação entre: operações especiais e forças convencionais; agentes de informação; manipulação dos *media* e guerra de informação; pressão económica; ataques cibernéticos; uso de *proxies*; forças paramilitares; terroristas e grupos criminosos (Fernandes, 2016, p.25).



Figura 7 - Dimensões da guerra híbrida⁵⁹

No entanto, o que parece tornar a guerra híbrida mais perigosa do que as formas tradicionais de guerra é o facto de esta não se limitar apenas aos instrumentos militares, utilizando por vezes alguns métodos ilícitos que visam atingir o seu adversário a vários níveis: diplomático; informacional e económico, podendo dar origem ao conflito direto entre as grandes potências, caso os compromissos geostratégicos e político-económicos não sejam conseguidos rapidamente (Referido em U.S. Army, 2010, pp. 1-2, como citado em Fernandes, 2016, p.26).

A criminalidade é um exemplo de uma ação ilícita, sendo consequentemente considerada parte deste problema. Os atos criminosos são, em grande parte, responsáveis por destabilizar os governos locais e auxiliar os guerreiros insurgentes, através do provimento de recursos. Com ou sem o apoio estatal, a letalidade e a capacidade dos grupos organizados tem vindo a aumentar, o que vai exigir uma adaptação das prioridades a nível económico, tecnológico e estratégico (Hoffman, 2007, pp. 7 e 8).

⁵⁹ Fonte: Adaptado de (Government of Singapore, 2015).

A importância da segurança energética foi lembrada através da crise ucraniana. A dependência que a Ucrânia demonstrava relativamente à Rússia pode ser equiparada a uma dependência estratégica. Deste modo, a NATO deve enfrentar o desafio da guerra híbrida incluindo a sua dimensão energética. Inicialmente, esta dimensão não era associada à guerra híbrida, uma vez que quando a luta entre a Ucrânia e a Rússia sobre os preços do gás se tornou uma questão de preocupação internacional, esta parecia apenas mais uma disputa de energia russo-ucraniana (Grubliauskas, Ruhle, 2015, p.1 a 5).

Contudo, após uma análise mais aprofundada, pode-se concluir que a energia era e continua a ser um fator muito importante na guerra híbrida e nem sempre é reconhecido. Sem o controlo das infraestruturas energéticas na Crimeia, a Rússia não teria conseguido anexá-la tão facilmente (Grubliauskas, Ruhle, 2015, p.2).

A Rússia desempenha um papel indispensável como fornecedor de energia para a Europa, tal como é visível na Figura 8. Por isso afirmava que os países europeus que estavam a ceder à pressão imposta pelos Estados Unidos estavam, de igual modo, a ir contra os seus próprios interesses (Grubliauskas, Ruhle, 2015, p.4).

Por fim, a Rússia utilizou a China para demonstrar ao Ocidente que tinha um cliente alternativo enquanto a Europa continuava dependente do gás russo (Grubliauskas, Ruhle, 2015, p.4).

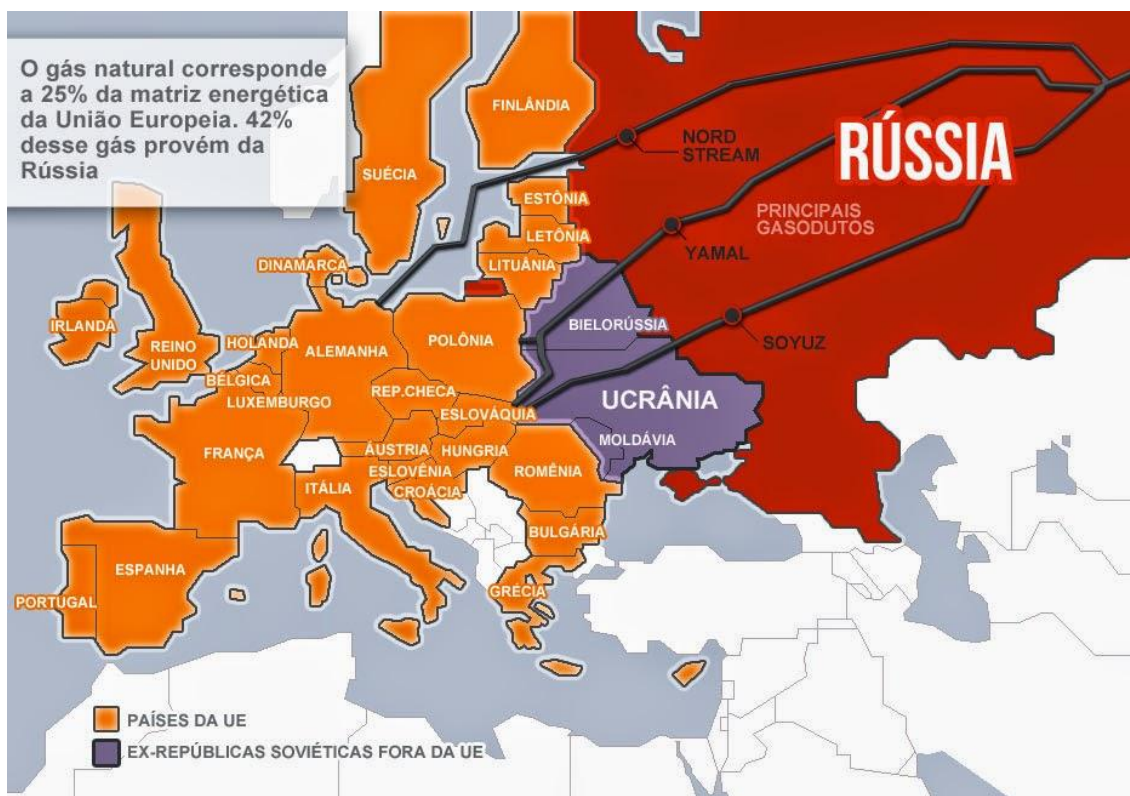


Figura 8 - Gás natural proveniente da Rússia⁶⁰

A propaganda também se revelou uma "nova arma" no que toca às abordagens híbridas. No caso da crise ucraniana, desde o início que a Rússia demonstrou uma grande capacidade de contrainformação, esforçando-se para mostrar a sua própria versão dos eventos. Moscovo chegou mesmo a utilizar a estação televisiva *Russia Today* para defender o país e para desafiar as estações televisivas orientais (Mota, 2017, p.16).

4.2.1 Adaptações da NATO

Após a crise ucraniana a NATO despertou para a necessidade de reformulação do conceito de defesa. No entanto, a aliança tem tido algumas dificuldades em fazer frente às ameaças híbridas através dos instrumentos tradicionais de defesa coletiva.

O Secretário-Geral da NATO afirmou que uma das características da aliança consiste na sua elevada capacidade de adaptação. Esta centra-se em três palavras-chave:

⁶⁰ Referente a 2015. Fonte: <http://brasilsoberanoelivre.blogspot.pt/2014/04/ue-ucrania-e-russia-vaodiscutir.html>. Acedido a 23 de março de 2017.

comprehensive, responsive e rapid (abrangente, ajustável e rápida) (Jacobs, Lasconjarias, 2015, p. 9).

Um dos objetivos da guerra híbrida é manter os conflitos "abaixo do radar da defesa coletiva tradicional", ou seja, no limiar de uma reação de instituições de defesa tradicionais e de organizações como a NATO (Jacobs, Lasconjarias, 2015, pp.8 e 9).

Embora este tipo de guerra seja mais eficiente contra Estados internamente frágeis e divididos, pode introduzir alguma ambiguidade, dificultando assim a avaliação estratégica e a tomada de decisões por parte da NATO. Por isso, torna-se imperativo proceder a algumas adaptações com o intuito de facilitar a resposta às ameaças híbridas nas diferentes áreas:

- Na área da partilha de informações e da análise estratégica: a NATO é constituída por 60 serviços de informação de 28 nações, mas é necessário incrementar a partilha de informação entre eles.
- No diálogo político sobre os desenvolvimentos energéticos: nos últimos anos os Aliados têm-se mostrado mais disponíveis para a discussão de assuntos não-militares (como é o caso dos desenvolvimentos globais da energia) reconhecendo que estes podem ter grandes implicações para a segurança.
- Nos exercícios e no treino: uma vez que a NATO é constituída por 28 nações o treino é imperativo para que a sua resposta seja mais expedita.
- No alcance do setor privado e nas instalações de energia: a NATO terá de aprofundar a interação com alguns atores privados⁶¹, quer através do diálogo regular, quer através da participação partilhada em alguns exercícios.
- Na sua relação com a UE: a discussão entre a NATO e a UE sobre as ameaças híbridas e a colaboração entre o pessoal são essenciais para conseguirem fazer frente a este tipo de conflito.

(Grubliauskas, Ruhle, 2015, pp.5 a 7)

Durante a Cimeira de Gales (setembro de 2014), a NATO decidiu adotar o RAP (*Readiness Action Plan*) tornando possível uma resposta rápida por parte da aliança aos

⁶¹ Exemplos desses atores é a AIE (Agência Internacional de Energia) que recolhe e analisa a maior parte dos dados energéticos relevantes. (Grubliauskas, Ruhle, 2015, p.6)

novos desafios de segurança, com a implementação de medidas de garantia e adaptação⁶².

A aliança tem de ter a capacidade tanto de projetar as suas forças para qualquer área como também de identificar e acompanhar a evolução das ameaças. Deste modo, uma das medidas adotadas consistiu na criação da VJTF (*Very High Readiness Joint Task Force*) - figura 9, como parte da NRF (*NATO Response Force*), dando à aliança uma capacidade de resposta rápida. A NATO também estabeleceu as NFIUs (*NATO Force Integration Units*) com o objetivo de melhorar a cooperação e a coordenação com as forças de outros países (Referido pela NATO, 2016, como citado em Fernandes, 2016, p.32).

⁶² As medidas de garantia são focadas na defesa coletiva e na gestão de crises orientadas para o flanco oriental da Aliança e incluem atividades em terra, no mar e no ar. As medidas de adaptação são mudanças de longo prazo na estrutura de comando e forças com vista a tornar a Aliança mais capaz de reagir rápida e decisivamente ao emergir de novas crises (Referido pela NATO, 2016, como citado em Fernandes, 2016, p.32).

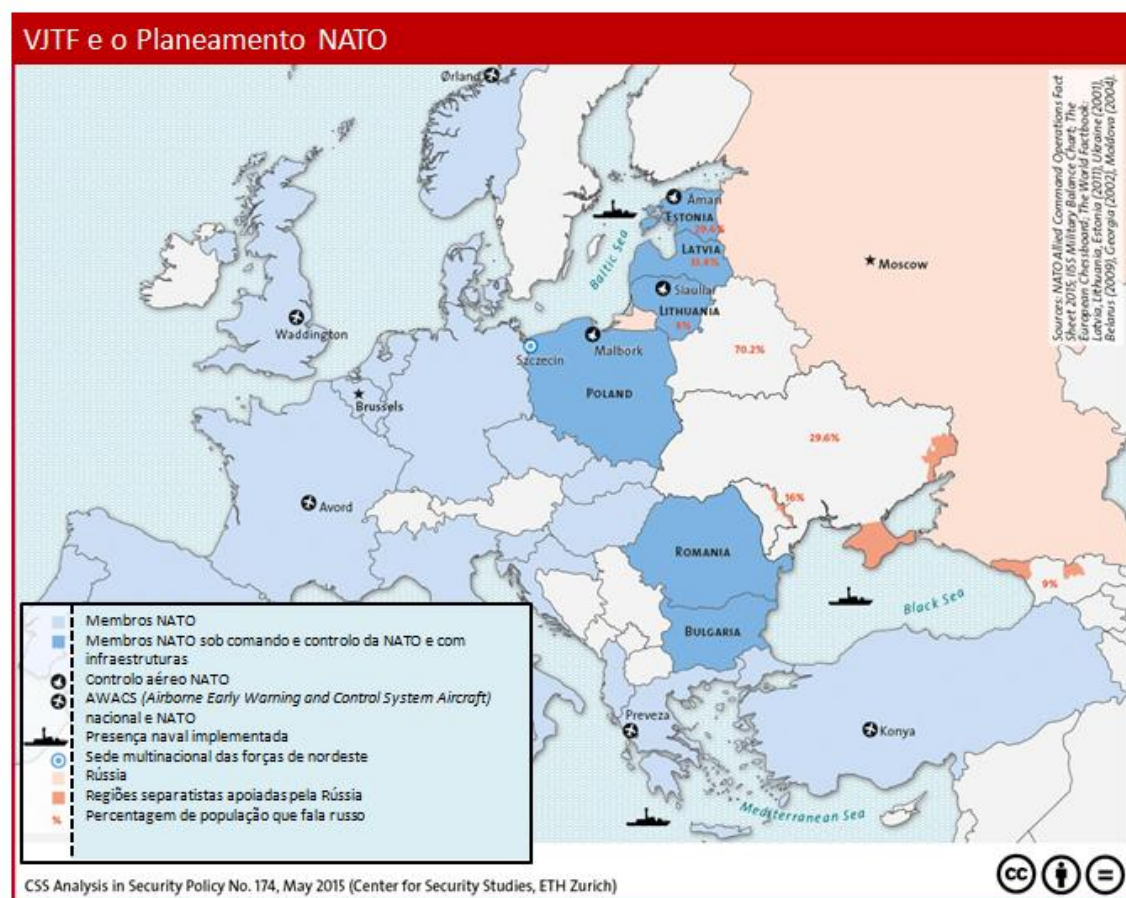


Figura 9 - VJTF e o planeamento NATO⁶³

Porém, a aliança continua longe de ter uma estratégia abrangente contra as ameaças híbridas, em particular as emergentes do Sul. Para isso, a NATO ainda terá que desenvolver:

- Novos instrumentos, uma vez que existe a necessidade de mudança no tipo de operações;
- Mais recursos em particular para missões anti híbridas no flanco Sul;
- Novas abordagens, estas terão de ter cenários mais diversificados, exercícios mais complexos e uma melhor integração das parcerias NATO, tanto no planeamento estratégico como na gestão de crises.

(Jacobs, Lasconjarias, 2015, p. 11)

⁶³ Fonte: Adaptado de (Referido por Zapfe, 2015, p.3, como citado em Fernandes, 2016, p.33).

A natureza da situação de segurança no Oriente é muito diferente da que é vivida no Ocidente, o que poderá exigir a implementação de estratégias distintas por parte da NATO. Todavia, alguns conceitos, métodos e táticas utilizados no Ocidente também poderão ser utilizados no Oriente e vice-versa.

A guerra híbrida irá de igual modo obrigar a que os Estados sincronizem e combinem de forma eficaz os diversos instrumentos do PMSI (*Political Military Social and Intelligence* ou *Informational*), de modo a conseguirem ganhar a "guerra política" adjacente a este tipo de conflito (Mota, 2017, p.17).

4.2.2 Adaptações das forças e do ambiente

Relativamente às forças militares, estas vão-se deparar com várias mudanças, tanto a nível organizacional, como estratégico e ainda no âmbito da recolha e tratamento da informação. Apesar dos esforços que têm sido feitos, a doutrina existente continua a não ser suficiente, uma vez que a velocidade de adaptação do inimigo é muito elevada e muitas vezes não é possível integrar todas as mudanças (Hoffman, 2007, p. 49).

Uma das características fundamentais para qualquer força que faça frente a este tipo de ameaça é a capacidade de adaptação, caracterizada pela agilidade mental e pela tolerância ao que é ambíguo. Os líderes são um elementantíssimo nestes conflitos, assim sendo têm de ter algumas características, sendo de ressaltar a capacidade para operar para lá das fronteiras organizacionais, com membros de organizações não-militares (Hoffman, 2007, pp. 49, 50 e 51).

Neste quadro, os futuros adversários (Estados, grupos patrocinados pelo Estado, ou atores autofinanciados) irão explorar o acesso às capacidades militares modernas, incluindo sistemas de comando criptografados, mísseis de superfície portáteis e outros sistemas atuais e letais, assim como também irão explorar a tecnologia mais recente (Hoffman, 2007, pp 28 e 59).

Iram, de igual modo promover insurgências prolongadas, através da utilização de táticas e de operações assimétricas inesperadas, que empregam: emboscadas, explosivos improvisados, e assassinatos. Poderão também tentar ter acesso a armas

antissatélite, sendo que estas estão diretamente associadas ao terrorismo e à *cyber-warfare*⁶⁴ (Hoffman, 2007, pp 28 e 59).

Durante a crise ucraniana, a Rússia melhorou todas as suas capacidades convencionais e nucleares de modo a estar pronta para exercer outras opções caso fosse necessário (caso os riscos político e militar fossem aceitáveis) (Johnson, 2015, p.11).

Atualmente as prioridades russas residem:

- Na modernização das forças nucleares russas;
- No desenvolvimento de forças conjuntas de elevada disponibilidade que enfatizem o poder de fogo e a mobilidade;
- Na melhoria das capacidades das forças especiais e da robótica;
- Na melhoria da defesa por camadas do espaço aéreo assim como também do C3I (Comunicações Comando, Controlo e Informações).

(Johnson, 2015, p.3)

A Rússia também tem vindo a desenvolver as suas forças especiais e de intervenção, especialmente a *Spetsnaz*⁶⁵ que conta com um efetivo superior a 12 000 homens, enquanto o KSO (*Special Operations Command*) conta com cerca de 500 operacionais. O *Spetsnaz*, como as tropas aerotransportadas (VDV (*Vozdushno-Desantnye Voyska*)) e a infantaria naval russa ou fuzileiros russos, representam um "exército dentro de um exército" capaz de conduzir operações militares muito sofisticadas de forma decisiva, discreta e se necessário para além fronteiras (Mota, 2017, p.16).

No que diz respeito ao ambiente, atualmente o terreno urbano providencia cada vez mais um porto-seguro. Tal como se verifica, tanto ao nível de guerrilha urbana, como do terrorismo: a densidade populacional; as redes de transporte; os serviços públicos e as infraestruturas são sinónimos de uma grande variedade de possíveis vias de fuga e de possíveis esconderijos utilizados durante o planeamento e o treino das

⁶⁴ Modalidade de guerra, onde o confronto acontece através da utilização de meios eletrónicos e informáticos. Habitualmente associado a ataques, represálias ou intrusão num computador ou rede do inimigo, afetando os seus recursos.

⁶⁵ Força especial altamente móvel e com uma infantaria ligeira semelhante aos *Rangers* dos EUA ou à Legião Estrangeira francesa (Mota, 2017, p.16).

operações. A densidade populacional fornece uma grande cobertura de "ruído", conseguindo, deste modo, manter escondida a posição onde decorrerá a preparação e o posterior ataque escondida (Hoffman, 2007, p.15).

4.2.3 Implicações associadas às novas tecnologias

Já em 1970 alguns líderes e teóricos russos haviam reconhecido implicações estratégicas derivadas da potencial combinação do poder aéreo e espacial com as novas tecnologias. Exemplos desta combinação são: as *precision guided munitions* (munições guiadas de precisão) e os *drones*. O ex-chefe de estado-maior Nikolai Ogarkov⁶⁶ considerou este desenvolvimento como uma RMA que consequentemente iria levar a um novo modelo de conflitos no espaço aéreo (Johnson, 2015, p.2).

Devido aos desenvolvimentos político-estratégicos e tecnológicos o CHOD (*Chief of Defence*)⁶⁷ russo já está à espera de se deparar com novas formas e meios de combate, através da combinação das lições aprendidas da RMA e das revoluções coloridas. O propósito destes combates consistirá em alcançar os objetivos políticos e estratégicos através:

- Da degradação do potencial militar-económico (destruição de infraestruturas militares e civis relevantes);
- Do emprego de armas de precisão, de armas magnéticas e de robótica;
- Do conflito armado no espaço físico e informacional;
- E através do emprego de meios assimétricos entre outros.

(Johnson, 2015, p.6)

Outro aspeto associado à guerra híbrida é a *cyber-sabotage*⁶⁸, que é responsável por gerar desconfiança entre rivais. Através deste tipo de terrorismo, tanto as informações privilegiadas do setor privado, como as do setor público estão comprometidas (sendo possível interromper comunicações e desativar infraestruturas vitais) (Gardner, 2015, pp.1e 2).

⁶⁶ Desempenhou a função de chefe de estado-maior da Rússia entre 1977 e 1984.

⁶⁷ Atualmente quem desempenha esta função é o general Valeri Gerassimov.

⁶⁸ A sabotagem consiste em atos deliberados que têm como objetivo interromper ou destruir um determinado processo, equipamento ou informação. A cyber-sabotage consiste nos atos enumerados anteriormente através da internet, de um software ou hardware contaminados por exemplo.

São vários os países que já utilizaram este método de terrorismo, por exemplo: os EUA⁶⁹, Israel e a Rússia⁷⁰.

Contudo, uma vez que a natureza da *cyber-sabotage* não é clara permaneceram sempre algumas dúvidas sobre quem é o atacante e a quem é que se destina o ataque, e consequentemente contra quem é que se deve retaliar.

Assim, é possível concluir que as novas tecnologias irão possuir diversas implicações. Por exemplo, através da inovação tecnológica foi possível tornar as armas mais precisas, como é o caso dos mísseis de cruzeiro de dupla utilização com capacidades nucleares/convencionais. Também foi possível tornar a guerra menos dispendiosa através da utilização de *drones* para espionagem e para a guerra. A impressão em 3D de armas também é ideal para este tipo de conflito (Gardner, 2015, p. 2).

Outra mudança que se deve à inovação tecnológica é a exploração dos meios de comunicação social, permitindo alcançar massas, através de *websites* e de *blogs* por exemplo. As visões radicais aí veiculadas fazem com que as pessoas apoiem uma causa, aumentando deste modo o campo de batalha, fazendo com que o fator dominante seja, cada vez mais, ganhar o coração e a mente das pessoas (Hoffman, 2007, pp.52, 53).

A principal intenção dessa estratégia de subversão política é isolar e enfraquecer o oponente, erodindo a sua legitimidade em diferentes campos de ação (Jacobs, Lasconjarias, 2015, p.2).

O inimigo moderno irá explorar a tecnologia moderna, sendo que também é expectável o confronto com algumas formas primitivas de guerra e de atividade criminosa que já deixaram de ser praticadas pela comunidade ocidental há algum tempo. As vulgarmente denominadas de guerras "irregulares" vão-se tornar cada vez mais recorrentes, contudo, irão aumentar a sua velocidade e a sua letalidade. Grande parte desta evolução deve-se à difusão de tecnologia militar avançada.

⁶⁹ Os EUA juntamente com Israel utilizaram o *malware* Stuxnet contra os sistemas de computadores Siemens da instalação nuclear iraniana Natanz, devido a suspeitas por parte do Irão da utilização dessa instalação para enriquecimento de urânio para fins militares. Este *malware* também foi utilizado contra uma usina nuclear russa (Gardner, 2015, p. 2).

⁷⁰ A Rússia efetuou ataques de *cyber-sabotage* durante a guerra com a Geórgia em 2008 e durante o conflito ucraniano que decorreu entre 2014 e 2015 (Gardner, 2015, p. 2).

4.3 Conclusão

Os exemplos mencionados anteriormente demonstram a importância do conceito de guerra híbrida, independentemente da novidade, ou não, das táticas utilizadas durante esses conflitos.

A Tabela 1 mostra algumas das diferenças existentes entre os conflitos armados onde se emprega unicamente a força militar e os conflitos armados onde se emprega a força militar aliada a medidas não-militares. O general Gerasimov afirma que estes meios podem ser empregues de forma sequencial ou em simultâneo (Johnson, 2015, pp.7 e 9).

As mudanças no caráter do conflito armado Alcance dos objetivos políticos	
Emprego da força militar	Uso de medidas não-militares (política, economia, diplomacia) juntamente com forças militares
Formas e modos tradicionais	Novas formas e modos
<ul style="list-style-type: none">- Início das operações militares após um desenvolvimento estratégico;- Confronto entre grandes grupos de forças;- Vitória sobre as forças inimigas e posterior tomada de fronteiras e de regiões com o objetivo de apreensão de território; Condução de operações em terra, no ar e no mar; <ul style="list-style-type: none">- Coordenação de grupos de forças dentro de uma estrutura hierárquica estritamente construída por órgãos de direção.	<ul style="list-style-type: none">- Início de operações militares por grupos de forças em tempo de paz;- Operações sem contato levadas a cabo por grupos conjuntos de forças;- Degradação do potencial militar-económico através da destruição de infraestruturas militares e civis importantes;- Emprego de armas de precisão, forças especiais, robótica e armas baseadas em princípios físicos, tais como lasers e armas magnéticas e participação de unidades paramilitares;- Ação simultânea sobre as forças inimigas em toda a área de operações;- Conflito armado em todo o espaço físico e informacional;- Emprego de meios assimétricos e não-lineares;- Coordenação das forças e dos meios num espaço de informação.

Tabela 1- Diferenças entre os conflitos tradicionais e os conflitos modernos⁷¹

A guerra híbrida representa um modo de conflito que vai alterar o pensamento sobre as guerras convencionais. A convergência dos vários tipos de conflito irá requerer uma grande necessidade de adaptação, tanto intelectual como institucional. Contudo, a

⁷¹ Fonte: Adaptado de V. Gerasimov, Tsennost' Nauki v Predvidenii, *Voенно-Promyshlennyi Kur'er*, 27 fevereiro de 2013, <http://VPK-NEWS.RU/ISSUES/14626>

ascensão deste tipo de guerra não representa o fim das designadas guerras convencionais, mas sim um complicador para o planeamento da defesa no século XXI (Hoffman, 2007, p.57).

O conflito híbrido vai levar a uma experimentação rigorosa e a constantes adaptações, que terão de ser inovadoras e criativas, levando a implicações na mudança de abordagem a vários níveis:

- Operacional;
- Comando e controlo;
- Desenvolvimento de liderança;
- Treino;
- Estrutural.

(Hoffman, 2007, p.57)

Os fuzileiros dos EUA já começaram a adotar algumas medidas, tais como: assegurar que os seus subordinados tenham os recursos mentais necessários para prosperar em contingências ambíguas e que tenham, de igual modo, conhecimento da língua e da cultura do adversário (Hoffman, 2007, p.57).

Em contrapartida as forças armadas russas estão cada vez mais bem preparadas para combaterem os conflitos híbridos ou não-lineares devido aos progressos dos planos de reforma militar e modernização russos.

Entre 2013 e 2015, o presidente Putin centralizou e restaurou a tomada de decisões; reforçou a coordenação entre órgãos governamentais relacionados com a defesa e o comando e controle de fluxo contínuo (Johnson, 2015, p.10).

Este tipo de conflitos têm sido muito bem conseguidos e consequentemente não se trata de algo passageiro, nem de algo que se restrinja à baixa tecnologia .

A história é uma referência bastante relevante, uma vez que as táticas e as estratégias empregues no passado podem voltar a ser utilizadas por diferentes atores, ou até pela mesma nação ou organização. Contudo, tem de se ter presente que a história nem sempre se repete. Assim sendo, não se pode derrotar os inimigos dos dias de hoje

empregando exatamente as mesmas táticas e estratégias utilizadas em confrontos passados.

Os Estados Unidos da América por exemplo voltaram a rever alguns casos do passado, como a guerra colonial e a insurgência maoista⁷² rural, com o objetivo de conseguirem adotar um melhor conjunto de contramedidas para este tipo de conflito (Hoffman, 2007, pp. 44 e 56).

A partir de acontecimentos mais recentes, como é o caso da Crimeia também, se podem retirar algumas conclusões, de modo a que algumas nações e organizações internacionais possam identificar onde é que é necessário efetuar um maior esforço para fazer frente a esta ameaça. A abordagem russa representou um elevado desafio a nível da defesa e da dissuasão, uma vez que foram empregues forças convencionais, não convencionais e nucleares.

É também importante realçar a importância de identificar os potenciais incentivadores associados a este conflito; a necessidade de reconhecer o período de transição do conflito político e assimétrico para o conflito armado não declarado e o tempo disponível durante esta transição. Sendo estes três fatores: *trigger*, *transition* e *time* (gatilho, transição e tempo) cruciais para uma melhor compreensão deste tipo de conflito (Johnson, 2015, p.10).

Clausewitz⁷³ afirmou que "a guerra futura deve abranger a guerra irregular e a regular", isto irá ocorrer não como ameaças/ guerras/ batalhas distintas mas como uma forma conjunta de várias guerras. Clausewitz também afirmou que à medida que os conflitos vão evoluindo, o léxico utilizado também deve evoluir (Hoffman, 2009, para.3).

Pode-se concluir que é crucial cada país ter em conta as suas próprias vulnerabilidades, não devendo menosprezar a imaginação dos opositores. É de igual modo essencial ser tomada uma posição mais vincada na "dimensão virtual", através

⁷² Também designado de pensamento de Mao Tse-Tung, é uma corrente comunista baseada nos conhecimentos de Mao Tse-Tung. Este movimento caracteriza-se por ter a vontade revolucionária do povo em consideração.

⁷³ Carl von Clausewitz viveu entre 1790 e 1831. Foi um militar prussiano, assim como um grande estrategista militar e teórico da guerra.

dos meios de comunicação social (vídeos, entre outros), de modo a que se consiga alguma vantagem perante a população, e para que se possa alcançar um campo de batalha mais alargado. Perante um mundo em constante mudança e perante o crescimento constante dos conflitos híbridos é de ressaltar que o preço pela complacência irá ser cada vez mais elevado (Hoffman, 2007, pp. 51, 53).

Este tipo de guerra tem vindo a ser utilizado por atores não-estatais como é o caso de Al-Qaeda e do autodenominado Estado Islâmico, assim como também por atores estatais como é o caso da Rússia e do Irão. Através destes acontecimentos os EUA acreditam que a possibilidade de uma guerra entre as principais potências tem vindo a crescer. Já o conflito com as organizações não-estatais (algumas financiadas por grandes potências) permanece eminente (Gardner, 2015, p. 14).

Recentemente vários países da NATO e da União Europeia⁷⁴ começaram a desenvolver um centro de estudos⁷⁵ sediado em Helsínquia, na Finlândia, com o objetivo de combater as ameaças híbridas. Este centro irá investigar primeiramente táticas e estratégias a implementar no combate a ataques cibernéticos, propaganda e desinformação, características claras de ataques levados a cabo por agentes híbridos.

A fronteira entre a Finlândia e a Rússia estende-se ao longo de 800 milhas, o que aliado aos recentes acontecimentos, como a anexação ilegal da Crimeia por parte da Rússia tem provocado uma crescente preocupação na Finlândia.

O ministro finlandês das relações exteriores, Timo Soini afirmou durante uma conferência que:

"O centro é um verdadeiro impulso para a cooperação entre a UE e a NATO... As atividades híbridas tornaram-se permanentes no ambiente da segurança europeia."⁷⁶

(Citado por Timo Soini, como referido em Rodensdahl e Forsell, 2017, para. 6)

⁷⁴ Estados Unidos; Grã-Bretanha; França; Alemanha; Suécia; Polónia; Finlândia; Letónia e Lituânia.

⁷⁵ O orçamento anual inicialmente cerca de cerca de 1,5 milhões de euros, sendo que, metade é assegurado apenas pela Finlândia.

⁷⁶ *"The center is a real boost for the cooperation between the EU and NATO. ... Hybrid activities have become a permanent part of the European security environment,"*

O ministro finlandês afirmou ainda que este novo centro tinha como objetivo consciencializar os restantes países tanto para as claras consequências das ameaças híbridas, como, também, para as vulnerabilidades que podem ser exploradas por este tipo de ameaça.

"A utilização de estratégias híbridas coloca a coesão interna e a resiliência das nossas sociedades à prova (...)"⁷⁷

(Citado por Timo Soini, como referido em Rodensdahl e Forsell, 2017, para. 9)

⁷⁷ *"The use of hybrid strategies puts the internal cohesion and resilience of our societies to the test, (...)"*

Capítulo 5 - Guerra híbrida em ambiente marítimo

O mar representa uma das maiores vias para a economia mundial, sendo utilizado tanto para a passagem dos cabos de comunicações que sustentam a internet, como também, para a indispensável troca de bens e de informação a nível mundial. No entanto, esta via de trocas pode ser facilmente afetada uma vez que, é uma área onde existe uma grande liberdade de movimentos.

Esta livre circulação tem sido comprometida por diversos incidentes registados ao longo dos tempos, sendo que, muitos podem ser caracterizados como guerras híbridas em ambiente marítimo - figura 10.



Figura 10 - Incidentes marítimos

Um desses incidentes, representado na figura 10, ocorreu sensivelmente um ano antes do 11 de setembro de 2001, a 12 de outubro de 2000, no porto de Áden no Iêmen,

onde o contratorpedeiro americano USS *Cole*⁷⁸ (*United States Ship Cole*) foi atacado por uma semirrígida carregada de explosivo, enquanto reabastecia. Deste ataque, resultaram 17 mortos e 38 feridos entre os militares norte-americanos embarcados.

Após este ataque, que acabou por ser reivindicado pela Al-Qaeda, o DOD emitiu um relatório, no qual admitia a necessidade de fortalecer a segurança contra este tipo de ameaças, especialmente em zonas críticas.

Este incidente também levou a que as marinhas mundiais ganhassem motivos suficientes para se começarem a preocupar com as ameaças híbridas em ambiente marítimo mesmo antes do 11 de setembro 2001.

A 6 de outubro de 2002, registou-se outro ataque que, à semelhança do anterior, também envolvia uma embarcação carregada de explosivos. Este ataque foi direcionado ao petroleiro francês *Limburg*⁷⁹, enquanto este se preparava para entrar no porto de Ach-Chihr, a 30 quilómetros de Al-Moukalla, onde iria receber um carregamento de petróleo bruto. Deste incidente resultou uma morte.

Contudo os atores híbridos foram evoluindo ao longo dos anos e o ataque registado no dia 16 de julho de 2015 a um navio da Marinha Egípcia na costa do Sinai é um bom exemplo dessa evolução. Neste ataque o ator híbrido - o autodenominado Estado Islâmico, em vez de utilizar uma embarcação carregada de explosivos, utilizou um míssil, o que veio denotar um acesso privilegiado a armas cada vez mais poderosas e sofisticadas, assim como também, ao treino necessário para as usar com eficácia.

Todavia, o ataque ao navio egípcio não foi o único no qual um ator híbrido utilizou armamento altamente sofisticado. Durante o ano passado registaram-se outros incidentes semelhantes, sendo que estes foram levados a cabo pelos Houthis⁸⁰. O primeiro foi contra o HSV-2 *Swift*⁸¹, no dia 1 de outubro de 2016 e o segundo foi contra

⁷⁸ Contratorpedeiro da classe *Arleigh Burke*.

⁷⁹ Embarcação construída nos anos 2000, no dia do incidente tinha uma tripulação de 25 pessoas (8 franceses e 17 búlgaros), das quais apenas uma não sobreviveu tendo dado à costa iemenita já sem vida.

⁸⁰ De etnia xiita são apoiados pelo Irão no Iémen desde 2015.

⁸¹ Navio desarmado de alumínio que se encontrava ao serviço dos Emirados Árabes Unidos, sendo utilizado para transporte de mantimentos e de feridos na região. Este navio Foi alvejado pelos Houthis através de um míssil C-704 - *sea skimming missile*.

o USS *Mason*⁸², no dia 8 de outubro de 2016 enquanto patrulhava águas internacionais do mar Vermelho na costa do Iémen, a norte do estreito de Bab el Mandeb, através do emprego de mísseis de cruzeiro terra-navio.

Após o lançamento dos mísseis por parte dos Houthi, o USS *Mason* utilizou alguns *decoys* para se defender. Tendo em vista a mesma finalidade, também lançou dois SM-2s (*Standard Missile-2s*)⁸³ e um míssil ESSM (*Evolved Sea Sparrow Missile*) com o objetivo de interceptar os mísseis que vinham na sua direção, assim como também, para proteger o USS *Ponce*⁸⁴, não sofrendo nenhum dano (MAST INTELLIGENCE, 2016, para. 9).

O mais provável é que os ataques tenham sido conduzidos a partir de Hodeidah e de Mocha, uma vez que é nestas zonas que os Houthi têm uma maior influência.

Após este ataque, os EUA, decidiram responder através de um ataque a três instalações de radar fixas controladas pelos Houthi e apoiadas pelo Irão. De acordo com alguns funcionários norte-americanos, estes radares encontravam-se ativos durante algumas das tentativas de seguimento ao USS *Mason*, registadas anteriormente.

Este ataque de retaliação levado a cabo pelos EUA além de ter como objetivo a defesa dos navios americanos e a proteção da navegação nesta zona, também pretendia retirar a capacidade de condução de ataques de terra para o mar aos Houthi. Todavia, é possível que este grupo de rebeldes possua algumas estações de radar móveis que ainda não tenham sido identificadas.

Contudo, os Houthi acabaram por negar este ataque ao USS *Mason*, o que de certo modo, não representa uma grande surpresa, uma vez que um ataque a um navio americano iria fazer com que os EUA ganhassem uma inimizade direta ao seu opositor, neste caso os Houthi. No entanto, tendo em conta a natureza das operações decorrentes no sul do mar Vermelho, torna-se difícil perceber quem é que poderia estar envolvido neste ataque para além deste grupo xiita (MAST INTELLIGENCE, 2016, para.22).

⁸² *Destroyer* americano da classe *Arleigh Burgh* que foi reforçar as operações marítimas lideradas pela Arábia Saudita no Iémen após o ataque ao HSV-2.

⁸³ Foram especificamente projetados para enfrentar as ameaças de mísseis de cruzeiro da Guerra Fria.

⁸⁴ É um LPD (*Landing Platform Dock*) pertencente à classe *Austin*.

O mais plausível é que o sistema de seguimento utilizado pelo Houthis não seja muito preciso, não sendo possível distinguir o USS *Mason* dos navios pertencentes aos EAU (Emirados Árabes Unidos) que navegavam na mesma área, tendo sido por esse motivo dirigido ao USS *Mason*.

Após este ataque, foi sugerido aos navios que navegam no mar Vermelho meridional e no estreito de Bab el Mandeb que mantivessem um CPA (*Closest Point of Approach*) mínimo de 3 milhas em relação a todos os contactos. Todavia, uma vez que os Houthis utilizavam a informação transmitida através do AIS (*Automatic Identification System*) dos navios, começou a verificar-se que muitas das embarcações que navegavam nessa área optavam por manter o AIS desligado (MAST INTELLIGENCE, 2016, Para.2).

Porém, tendo em conta que os alvos dos Houthis são os navios associados às operações sauditas lideradas pela coligação e que tanto o ataque ao USS *Mason* como ao HSV-2 *Swift* ocorreram após o ocaso do sol, os navios que não se encontrem a transmitir através do AIS a informação da sua condição de navio comercial, poderão ser confundidos com um navio de guerra, tornando-se assim um alvo. (MAST INTELLIGENCE, 2016, Para.3)

Depois deste incidente a coligação dos EUA e da Arábia Saudita começou a aumentar a sua presença na área e a intensificar os seus sistemas de ISTAR (*Intelligence, Surveillance, Target Acquisition and Reconnaissance*), de modo a conseguirem identificar e localizar os sistemas de armas dos Houthis.

Em contrapartida, o meio marítimo também pode ser caracterizado pelo facto de ser ideal para criar uma separação espacial com o adversário, negando-lhe acesso a áreas comuns e restringindo-lhe a liberdade de manobra.

A Rússia, perante uma era de guerra sem contacto, tem aumentado as suas capacidades de "*anti-access/area-denial*" através:

- Da combinação de defesa aérea e de mísseis;
- Da elevada concentração de mísseis balísticos;
- E da capacidade russa para a guerra antissubmarina realizada por camadas.

(Palmer, 2015, p.6)

Esta capacidade de guerra antissubmarina tem como base três pontos estratégicos - Murmansk, Kaliningrado e Sevastopol. Estes pontos estão situados ao longo da periferia russa a noroeste, a ocidente e a sudoeste (figura 11) (Palmer, 2015, p.7).

Em tempo de guerra, estes vão ser pontos fundamentais para a execução de uma modalidade de ação de "*anti-access/ area-denial*" rápida e bem-sucedida em torno da área dos Barents, no Mar Báltico e no Mar Negro e no espaço aéreo associado (Palmer, 2015, p.7).



Figura 11 - Pontos estratégicos russos⁸⁵

5.1 Hezbollah

"A Resistência suportou o ataque e ripostou. Também não fez guerra de guerrilha. Não era um exército regular, mas também não era uma guerrilha no sentido tradicional. Era algo intermediário. Este é o novo modelo"⁸⁶

(Referido por Hassan Nasarallah⁸⁷, como citado em Greg Grant,2009, para.10)

⁸⁵ Fonte: Adaptado de https://www.google.pt/search?biw=1366&bih=638&tbn=isch&sa=1&q=mapa+europeu&oq=mapa+europeu&gs_l=psy-ab.3..014.52717.54879.0.55112.12.11.0.0.0.151.784.0j6.6.0...0...1.1.64.psy-ab..6.6.780...0i67k1.CIOliA6oDPA#imgcr=PxfCYsgnA1Q3BM: Acedido a 1 de julho de 2017.

⁸⁶ "The resistance withstood the attack and fought back. It did not wage guerrilla war either. It was not a regular army but was not a guerrilla in the traditional sense either. It was something in between. This is the new model"

⁸⁷ Político libanês, que assumiu a função de secretário-geral de Hezbollah a partir de 1992. Sendo venerado por muitos no mundo árabe após o fim da guerra.

Um caso de associação entre a guerra híbrida e o ambiente marítimo é o conflito do Hezbollah. Este conflito teve início no verão de 2006 e durou 34 dias no médio oriente, sendo disputado entre o Hezbollah e Israel (Hoffman, 2007, pp. 36 - 40).

Este conflito é geralmente considerado como um dos protótipos mais atuais de guerra híbrida. O Hezbollah adotou várias estratégias associadas à guerra híbrida, nomeadamente a utilização simultânea de:

- Um arsenal convencional;
- Forças irregulares e táticas de guerrilha;
- Guerra psicológica;
- Terrorismo;
- Atividade criminosa.

(Jacobs, Lasconjarias, 2015, p.3)

O Hezbollah liderado por Hassan Nasrallah demonstrou uma grande capacidade militar. Era constituído tanto por forças regulares, como por forças irregulares, tendo sido amplamente apoiado e treinado pelo Irão⁸⁸. Além do apoio financeiro iraniano, o Hezbollah também foi financiado através do contrabando de armas, lavagem de dinheiro e cartéis de droga (Gardner, 2015, p. 7).

Teerão também se revelou muito importante para o desenvolvimento das capacidades de Hezbollah, uma vez que lhe forneceu meios de elevada importância, levando a implicações não só a nível terrestre, como também a nível naval.

Hezbollah conseguiu impedir que Israel conquistasse as cidades ao longo da fronteira libanesa através da utilização:

- De túneis;
- De manobras de combate dentro das aldeias libanesas;
- De UAV's (*Unmanned Aerial Vehicles*)⁸⁹ ;
- De rockets de pequeno e médio alcance;
- De mísseis;

⁸⁸ Nomeadamente pela Guarda Revolucionária Iraniana.

⁸⁹ Usou zangões com o fim de espionagem durante a guerra em julho de 2006 e em 2012 contra Israel. (Gardner, 2015, p. 2)

- E de pelo menos um míssil de cruzeiro terra-navio.

(Gardner, 2015, p. 7)

A singularidade desta organização reside no facto de ser o primeiro movimento de resistência que tem capacidades militares convencionais e armamento estratégico.

Uma clara demonstração deste tipo de conflito em ambiente marítimo foi o ataque levado a cabo por Hezbollah à corveta israelita *Hanit*⁹⁰ no dia 14 de julho de 2006 através do emprego de um míssil de cruzeiro terra-navio.

Todavia, o Hezbollah não se ficou apenas pelo campo de batalha físico, tendo também desafiado Israel através de uma ampla campanha de propaganda, nas suas estações de televisão e de rádio. Com esta propaganda, o Hezbollah levou a que os restantes países árabes e a comunidade internacional acreditassem que Israel - o maior poder militar na região, tinha sido derrotado por uma milícia estatal (Hezbollah) (Jacobs, Lasconjarias, 2015, p.4).

Este conflito é demonstrativo de como atores não estatais conseguiram adquirir as capacidades necessárias para espiar e atacar as vulnerabilidades das forças opositoras. O Hezbollah adotou alguns conceitos estratégicos e alguns métodos de recolha de informação que não seriam bem vistos, caso tivessem sido implementados por oficiais israelitas, mas que, para os seus objetivos de segurança, tanto operacionais como táticos, se demonstraram bastante eficazes (Hoffman, 2007, pp. 36 a 41).

Tanto a nível tático, como tecnológico, o Hezbollah surpreendeu, fazendo com que a batalha se inclinasse naturalmente para o seu lado. Esta organização islâmica é caracterizada por: ser bem treinada; ser altamente disciplinada e por ter as suas células bem distribuídas (Hoffman, 2007, pp. 36 a 41).

Com efeito, as táticas de guerrilha, aliadas à elevada tecnologia, representam uma grande ameaça para as forças convencionais. Não obstante a grande vantagem do Hezbollah encontrava-se não tanto na sua tecnologia, mas sim no elevado conhecimento do comportamento do inimigo, conseguindo assim adotar uma tática específica.

⁹⁰ Pertencente à classe Sa'ar 5, equipada com uma peça Oto Melara de 75 mm; uma peça Phalanx de 20 mm; mísseis antiaéreos Barak; mísseis antinavio Harpoon e com o helicóptero Panther.

O Hezbollah é uma representação do crescimento da guerra híbrida. Este conflito revelou uma clara deficiência na postura defensiva das forças israelitas e consequentemente no planeamento por parte das forças norte-americanas. Através da utilização de células descentralizadas e de movimentos políticos organizados em zonas desprovidas de governo, o Hezbollah conseguiu demonstrar a sua capacidade para causar danos (Hoffman, 2007, p. 36).

As tropas israelitas caracterizaram a força opositora (Hezbollah) como muito persistente e ágil, visto que, quando comparada com a faixa de Gaza⁹¹ ou com a Cisjordânia,⁹² se verificou que a resistência organizada manifestada era mais consistente e mais difícil de combater. Sendo que: o grau de treino; a disciplina de fogo e o avanço tecnológico demonstrados eram muito superiores.

As consequências deste conflito foram substanciais para Israel uma vez que os ataques do Hezbollah aterrorizaram o norte de Israel; paralisaram a economia do país e forçaram mais de um milhão de civis a saírem do país. O efeito psicológico foi devastador servindo de ponto de partida para Israel desenvolver o seu Iron Dome⁹³ (Jacobs, Lasconjarias, 2015, p.4).

Outra consequência para Israel foi o facto de a credibilidade da IDF (*Israel Defense Forces*) ter saído enfraquecida, ao contrário da do Hezbollah, que ganhou força e prestígio. Contudo, perdeu parte da sua capacidade de ataque operacional, uma vez que consumiu uma grande parte do seu arsenal. Assim como também o número de perdas sofridas durante o conflito foi muito superior às registadas por Israel.

O Hezbollah tem sido revitalizado por organizações como o Hamas⁹⁴, uma organização de aprendizagem ativa, tendo como grande referência o caso de sucesso de

⁹¹ Território palestino, que faz fronteira com o Egipto e com Israel ao longo do mar Mediterrâneo. Este território tem sido sinónimo de múltiplos conflitos, sendo que durante a década de 1980 foi essencialmente uma demonstração de força por parte de Israel que faziam frente às forças palestinas que desejavam alcançar a independência. Estes conflitos levaram à formação de grupos extremistas, como o Hamas em 1987.

⁹² Tal como a faixa de Gaza, este também é um território associado a inúmeros conflitos, assim como também é considerada uma região não contígua pertencente à Palestina.

⁹³ Sistema de defesa contra mísseis e *rocket*.

⁹⁴ Organização palestina de orientação sunita. É considerada como organização terrorista pelos EUA, UE, entre outros.

Hezbollah. Este conflito vai muito além de um vencedor e de um perdedor e o facto de Israel ter perdido simboliza, de igual modo, a derrota do estilo antigo de guerra (Hoffman, 2007, pp. 40 e 43).

5.2 "*China's Little Blue Men*"

Pequim reclama soberania sobre a maior parte do mar do Sul da China onde se situam as ilhas Spratly, Paracel e o recife de Scarborough que também são disputados por outros países como a Malásia, Filipinas, Vietname e Taiwan (República da China) visíveis na Figura 122. Esta disputa prende-se com vários motivos entre os quais:

A potencial riqueza em petróleo e gás natural nas águas circundantes ainda por explorar;

O facto de esta zona representar um corredor estratégico de comércio;

A elevada fertilidade da região vantajosa para a indústria pesqueira entra outros que se encontram representados na figura 12.

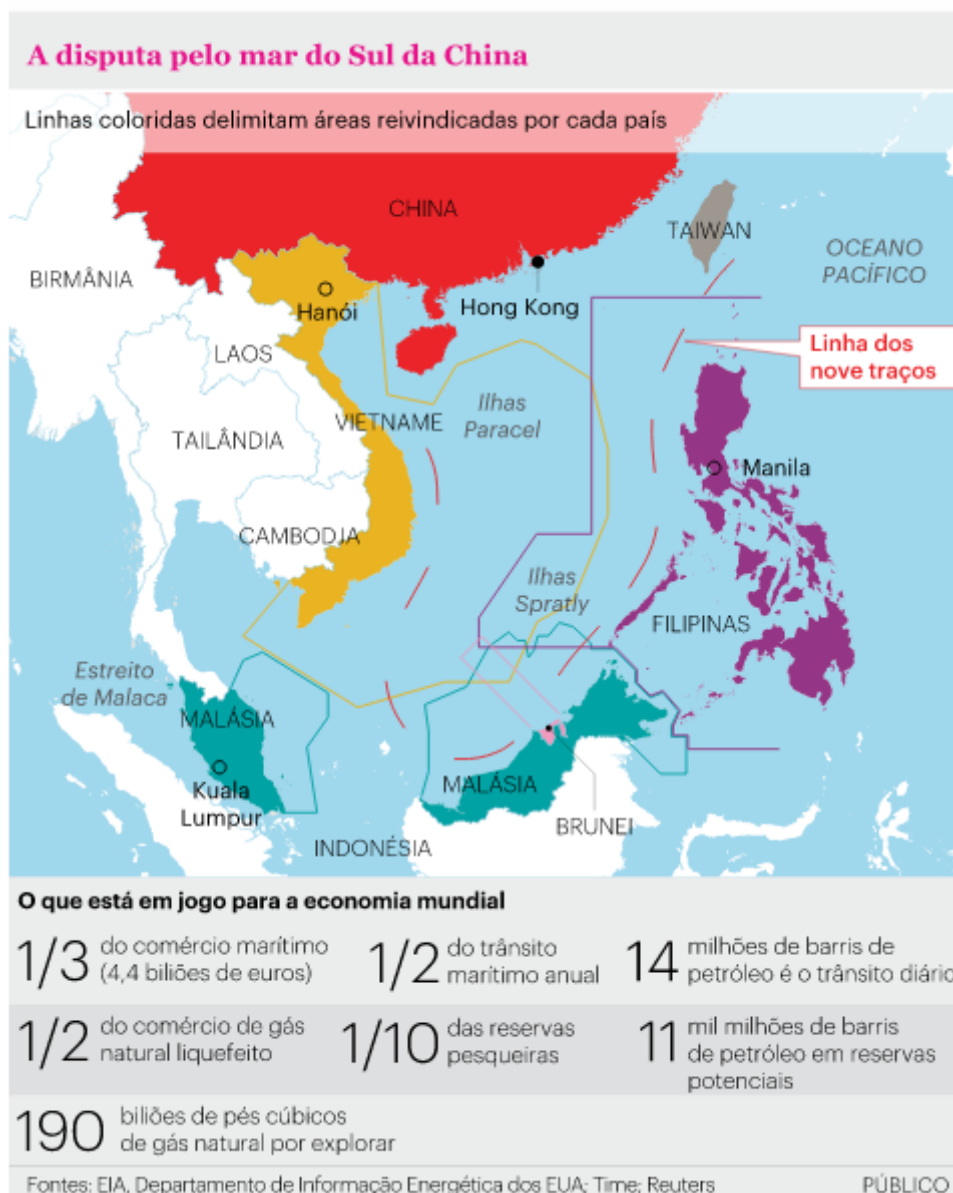


Figura 12 - Área disputada no mar da China⁹⁵

De acordo com a Convenção da ONU para o Direito do Mar⁹⁶ (que a China, as Filipinas e outros 167 países assinaram), todos os países têm direito a reclamar os direitos de exploração económica, ou seja, 200 milhas náuticas adjacentes às suas ilhas habitáveis. No entanto, a China através de uma grande empreitada realizada em 2013 transformou os recifes que se encontravam submersos em ilhas artificiais de modo a conseguir reforçar a sua posição.

⁹⁵ Fonte: <https://www.publico.pt/2016/07/12/%20mundo/noticia/haia-rejeita-reivindicacoes-territoriais-de-pequim-no-mar-do-sul-da-china-1738011>. Acedido a 23 de março de 2017.

⁹⁶ Assinado em Montego Bay, Jamaica a 10 de dezembro de 1982.

As autoridades chinesas garantem que os trabalhos realizados nos recifes são legais. O presidente Xi Jinping⁹⁷ garantiu ao antigo presidente dos EUA Barack Obama que não tinha qualquer intenção de militarizar as ilhas. Todavia, os Estados Unidos da América acreditam que a China irá construir instalações militares nessas mesmas ilhas, por forma a aumentar o seu domínio marítimo na região, que também é disputada por outros países como as Filipinas, Vietname, Coreia do Norte, Coreia do Sul e Japão.

Esta disputa tem originado inúmeros conflitos no mar do sul da China e levou ao aparecimento do termo "pequenos homens azuis". Esta denominação é da autoria de Andrew Erickson⁹⁸ que, tendo como referência os "pequenos homens verdes" empregues pela Rússia na Crimeia, decidiu apelidar a milícia naval chinesa⁹⁹ de "pequenos homens azuis". Esta designação surgiu quando a milícia naval chinesa tentou fazer-se passar por pescadores e começou a provocar o *destroyer* USS *Lassen*¹⁰⁰ que se encontrava no limite das doze milhas náuticas em torno das ilhas artificiais construídas por Pequim (Cavas, 2015, para.7).

Esta provocação ocorreu após a passagem do *destroyer* norte-americano, que já se encontrava a ser escoltado por navios de guerra da Marinha Chinesa, perto de uma ilha artificial construída recentemente nas ilhas Spratly a 27 de outubro de 2015 (Cavas, 2015, para.1).

Apesar do USS *Lassen* se encontrar a ser escoltado pela Marinha Chinesa começaram a surgir vários navios mais pequenos, descritos como mercantes e pesqueiros, que começaram a provocar o USS *Lassen* cruzando-lhe a proa e manobrando à sua volta (Cavas, 2015, para.3).

⁹⁷ Assumiu o governo do país a partir de março de 2013, sendo que também desempenha o cargo de secretário-geral do partido comunista.

⁹⁸ Professor adjunto da US (*United States*) Naval War College.

⁹⁹ Existe desde os anos 80, sendo que tem vindo a ser reforçada ultimamente. É constituída por trabalhadores locais ou soldados desmobilizados. Segundo o PAFD (*People's Liberation Armed Forces of South Vietnam*) a milícia chinesa apresenta uma organização complexa e quando ativada pode reportar-se diretamente às autoridades navais. Sendo que em tempo de paz apoiam a Marinha chinesa e a Guarda Costeira (Cavas, 2015, para.22).

¹⁰⁰ É um *destroyer* da classe *Arleigh Burke* equipado com mísseis teleguiados, sistema de defesa *Aegis* e com dois helicópteros SH-60 *Seahawk*.

É de notar que é pouco habitual existir um elevado número de navios de pesca na zona das ilhas Spratly, o que é suficiente para levantar algumas suspeitas sobre as intenções dos navios em questão. As manobras efetuadas em torno do USS *Lassen* aumentam ainda mais as suspeitas sobre os tripulantes dos pesqueiros em causa (Cavas, 2015, para.8 e 9).

À semelhança da Rússia, a China está a tentar utilizar estes navios civis controlados pelo governo com o intuito de alcançar os objetivos do país sem ter o ônus de ter de assumir os seus atos. Contudo, apesar das semelhanças, os "pequenos homens verdes" utilizados pela Rússia na Crimeia são amplamente conhecidos, ao contrário do que se verifica com os "pequenos homens azuis" empregues pela China no mar da China Meridional (Cavas, 2015, para.9 e 10).

A maioria destas milícias marítimas chinesas são utilizadas apenas para efetuarem transportes; reparações; patrulhamento costeiro e para efetuarem respostas de emergência. Porém, existe uma pequena elite que se encontra bem treinada e equipada com o intuito de prestar apoio a missões mais complexas, como por exemplo missões militares. Este tipo de força é mais eficaz quanto menos conhecimento o seu adversário tiver, conseguindo manter o fator "surpresa" sendo menos antecipada.

Através de uma análise a este tipo de acontecimentos verifica-se que este não foi o primeiro incidente deste género. Em março de 2009 uma traineira tripulada pela milícia marítima chinesa tentou interferir com o navio norte-americano USNS *Impeccable*¹⁰¹ (*United States Naval Ship Impeccable*) no mar da China Meridional (Cavas, 2015, para.14 e 15).

Além desse acontecimento, a milícia marítima chinesa também esteve envolvida no incidente da plataforma petrolífera HYSY 981¹⁰² (*Haiyang Shiyou 981*) com o Vietname, no qual vários navios vietnamitas foram abalroados por embarcações chinesas sendo que pelo menos um naufragou (Cavas, 2015, para.14 e 15).

¹⁰¹ Adquirido pela Marinha dos EUA em 2001. A sua função é de *surveillance*, possui o sistema SONAR SURTASS de baixa frequência ativa.

¹⁰² É uma plataforma petrolífera pertencente à *China National Offshore Oil Corporation*.

Este incidente ocorreu após a companhia petrolífera chinesa ter decidido colocar a plataforma nas imediações das ilhas Paracel. O Vietname assumiu esse comportamento como uma provocação e desenvolveu esforços para que esta não conseguisse estabelecer uma posição fixa.

Esta disputa pela soberania no mar do Sul da China levou a que as Filipinas procedessem a um pedido de arbitragem ao TPA (Tribunal Permanente de Arbitragem)¹⁰³ sediado em Haia em 2013. O Tribunal Permanente de Arbitragem com o apoio da Organização das Nações Unidas decidiu rejeitar as pretensões territoriais de Pequim. O TPA afirmou que "não existe uma base legal para a China reclamar direitos históricos ou argumentos geográficos dentro da "linha de nove traços",¹⁰⁴ manifestando-se a favor das Filipinas.

O TPA determinou ainda que a China violou os direitos das Filipinas na área em disputa, visto que Pequim chegou a interferir na Zona Económica Exclusiva das Filipinas, nomeadamente na exploração pesqueira e de petróleo.

Para além da inexistência de uma base legal que possibilite a reivindicação territorial por parte da China, o TPA afirmou ainda que os projetos de ilhas artificiais no mar do Sul da China causaram danos irreparáveis ao meio ambiente.

Após esta decisão por parte do tribunal, Manila reagiu cautelosamente enquanto Pequim anunciava que os seus aviões comerciais já tinham rotas traçadas para as ilhas artificiais e que também iria construir uma nova fragata no estaleiro de Hainan com capacidade para lançamento de mísseis.

Pequim tentou diversas vezes boicotar o processo, afirmando que o tribunal de Haia não possuía qualquer jurisdição em matérias relacionadas com a soberania e que todo este processo não passava de uma estratégia norte-americana para que a China não tivesse acesso aos recursos existentes na área em questão.

¹⁰³ O Tribunal Permanente de Arbitragem é um tribunal internacional que se encontra sediado em Haia nos Países Baixos.

¹⁰⁴ Ou "língua de vaca" mantém-se praticamente inalterada desde 1947 delimitando as ambições chinesas. Cobre cerca de 80% do mar da China Meridional.

Capítulo 6 - Contributo da Marinha Portuguesa no combate à guerra híbrida

Durante a segunda guerra mundial era frequente a utilização de pequenos submarinos por parte dos italianos em ataques nos portos dos Aliados. Contudo, este tipo de estratégia foi-se dissipando e consequentemente a NATO deixou de se preocupar com a defesa nas zonas mais costeiras, como portos e fundeadouros.

Deste modo, a aliança passou a focar-se essencialmente no treino em águas oceânicas, nomeadamente nas guerras de AAW (*Anti-Air Warfare*), ASW (*Antisubmarine Warfare*) e ASUW (*Anti-Surface Warfare*). Por exemplo o único exercício fora deste âmbito que era treinado durante o OST (*Operational Sea Training*) era o *ship protection exercise*, que consistia essencialmente num ataque surpresa levado a cabo pelos mergulhadores a unidades navais, através da colocação de uma bomba no casco do navio.

Tanto o ataque registado ao USS *Cole* no Iémen, através de uma semirrígida carregada de explosivos em 2000, como também, o ataque ao petroleiro francês *Limburg* em 2002 na costa leste do Iémen, no mar Vermelho, colocaram de imediato a Marinha Portuguesa alerta relativamente a este tipo de ameaças.

Estes ataques fizeram com que entre 2001 e 2002 os navios da SNMG 1 (*Standing NATO Maritime Group*), antiga SNFL (*Standing Naval Forces Atlantic*), tivessem receio destas novas ameaças, levando-os a praticar portos militares, como por exemplo Souda Bay e Creta.

6.1 Desenvolvimento do ATP 74 - *Force Protection Against Asymmetric Threats*

O desenvolvimento deste subcapítulo teve como base uma entrevista realizada ao Senhor Comandante Cruz Rafael, atual Comandante do NRP Vasco da Gama. O Senhor Comandante Cruz Rafael desempenhou um papel essencial durante o desenvolvimento do ATP 74 – Force Protection Against Asymmetric Threats, desenvolvido pela Marinha Portuguesa.

Em 2002, o NRP *Vasco da Gama*¹⁰⁵ encontrava-se integrado na SNFL 1¹⁰⁶ e durante a operação *Active Endeavour*¹⁰⁷ o navio sentiu a necessidade de desenvolver algumas medidas de defesa contra este tipo de ameaças. Estas medidas deram origem às *StandOrders* (*Standing Orders*), ou seja, a uma proposta com um conjunto de medidas experimentais que permitissem uma melhor padronização da defesa por parte das unidades navais NATO contra as ameaças assimétricas, tais como:

- Luzes apagadas;
- Mangueiras de LA (Limitação de Avarias) prontas a serem utilizadas;
- Avisos ao ETO (Equipamento de Transmissão de Ordens).

Posto isto, no ano seguinte, o MAROPS WG (*Maritime Operations Working Group*)¹⁰⁸ deparou-se com algumas lacunas a nível tático uma vez que não existia nenhuma doutrina relativamente a este tipo de ameaça. No entanto, o CITAN (Centro Integrado de Treino e Avaliação Naval) tinha conhecimento que a 5ª guarnição da fragata Vasco da Gama já se encontrava a desenvolver algumas táticas relativas às ameaças híbridas.

Mais tarde, em 2004, novamente durante a reunião anual do MAROPS, Portugal apresentou uma conceptualização da doutrina que visa fazer frente a este tipo de ameaça, o EXTAC (*Experimental Tactic*) 783 - *Force Anti-Asymmetric Warfare Procedures*¹⁰⁹. Esta doutrina experimental integrou os novos procedimentos, com as táticas já existentes na NATO e em países aliados.

Após o desenvolvimento desta doutrina, começaram a ser implementados diversos exercícios, tanto nos navios que realizavam o seu PTB (plano de treino básico), como também nos navios que constituíam a SNMG 1 e a SNMG 2. Estes novos exercícios compreendiam: ataques levados a cabo por semirrígidas, motas de água e

¹⁰⁵ Na altura comandando pelo Senhor Almirante Pereira da Cunha.

¹⁰⁶ Na altura comandando pelo Senhor Almirante Melo Gomes.

¹⁰⁷ Operações direcionadas para o contra terrorismo. Foi uma das primeiras medidas militares tomadas após a invocação do artigo 5º do Tratado do Atlântico Norte (em anexo A), na sequência dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001.

¹⁰⁸ Reunião anual durante a qual é feita uma revisão aos ATP's e às possíveis alterações que estes possam sofrer, promovendo de igual modo a discussão de TTPs (Táticas, Técnicas e Procedimentos).

¹⁰⁹ São táticas e procedimentos experimentais que estão contidos no AXP 5 (*Allied Exercise Publication*).

avionetas. Os ataques levados a cabo pelos mergulhadores, que já eram treinados anteriormente, continuaram a fazer parte desta série de exercícios.

Todavia, nesse mesmo ano, a NATO concluiu que este assunto não podia ser abordado apenas durante o MAROPS, e por esse motivo formou um grupo de trabalho, o *Maritime Force Protection A-d-hoc Panel*, o qual é presidido por Portugal todos os anos.

Este grupo de trabalho tem como objetivo reunir diferentes especialistas que estudem tanto a evolução dos conflitos atuais, como também, os mecanismos de comando e controlo descritos no EXTAC 783, sendo que, alguns já foram validados como doutrina Aliada, encontrando-se assim, vertida no ATP 74 - *Force Protection Against Asymmetric Threats*.

A Marinha Portuguesa, que se encontrava a comandar a SNFL reagiu rapidamente à lacuna tática existente no âmbito da defesa do navio contra as ameaças assimétricas em zonas costeiras. A visão apresentada à NATO pela Marinha Portuguesa era bastante abrangente, dando origem, em 2006, ao ATP 74 - *Force Protection Against Asymmetric Threats*. Esta publicação NATO contém todas as medidas pré-planeadas desenvolvidas, com o objetivo de proteger os navios de ameaças não convencionais, como as ameaças híbridas, em zonas litorais e perto de costa.

Contudo, não foram só as marinhas pertencentes à NATO que se desenvolveram e se adaptaram a esta nova ameaça. O ISPS code (*International Ship and Port Facility Security Code*) contém um conjunto de procedimentos utilizados pela marinha mercante, que também já contempla algumas medidas que visam fazer frente às ameaças irregulares.

6.2 Desenvolvimento do projeto *Harbour Protection*

O desenvolvimento deste subcapítulo teve como base uma entrevista realizada ao Senhor Comandante Carmo Falcato, atual Assessor Militar de SEXA o Presidente da República. O Senhor Comandante Carmo Falcato desempenhou as funções de Secretário da equipa internacional da NATO que desenvolveu o projeto NATO Harbour Protection que visa edificar uma capacidade militar para a Aliança Atlântica.

A NATO é uma organização política e militar, composta por 29 países, cujo propósito é assegurar a segurança militar dos países aliados e do Continente Europeu. A NATO baseia-se num processo de planeamento de defesa militar, o NDPP (*Nato Defence Planning Process*), que visa garantir os meios e as capacidades vitais para o interesse da Aliança Atlântica. O NDPP é um processo contínuo, no qual os Aliados fazem uma revisão dos meios operacionais que possuem.

Posteriormente, consoante a capacidade militar¹¹⁰ de cada país e as próprias necessidades da NATO, os estados membros são influenciados a investir em determinados meios.

Foi neste âmbito que a aliança sentiu a necessidade de edificar o projeto HP (*Harbour Protection*), definindo, em 2011, a proteção portuária como uma área prioritária.

As operações militares desenvolvidas pela NATO durante os últimos anos acabaram por expor os países aliados a portos considerados inseguros e nos quais se tornava impossível atracar e consequentemente fornecer apoio logístico às forças no terreno. O período da guerra da Líbia e o combate à pirataria na Somália são exemplos de operações militares, durante as quais as forças NATO não tinham capacidade para atracar.

Atendendo a estes acontecimentos torna-se necessário ter em conta que os portos são infraestruturas complexas e habitualmente localizados em centros urbanos. As zonas portuárias representam uma boa via de acesso (por terra e por mar) para os insurgentes e para os elementos das forças irregulares, tornando-se crucial proteger tanto os navios militares, como as instalações e infraestruturas consideradas críticas (Falcato, 2016, p.17).

Deste modo, em 2012, Portugal assumiu a nível político perante a NATO o compromisso de liderar o projeto *Harbour Protection*, desenvolvido entre outubro de 2012 e junho de 2016. Para tal, foi criada uma equipa de projeto, que efetuou uma avaliação, entre os países aliados, relativa a possíveis sistemas já existentes no âmbito

¹¹⁰ Uma capacidade militar é caracterizada por oito requisitos: DOTMLPFI (*Doctrine, Organization, Training, Material, Leadership, Personnel, Facilities, Interoperability*) - doutrina, organização, treino, material, liderança, pessoal, infraestruturas e interoperabilidade.

da proteção portuária. Após essa avaliação a equipa desenvolveu o projeto dando primazia:

- À utilização do menor número de pessoal possível (aproximadamente 70 pessoas¹¹¹);
- À racionalização dos meios;
- À utilização de muita tecnologia.

Durante o tempo de guerra, existem alguns métodos definidos para agir contra as ameaças, encontrando-se tanto o tráfego, como os acessos ao porto controlados. Em tempo de paz, cada país tem o seu próprio método de defesa portuária definido, não existindo um total controlo do tráfego marítimo, o que representa um enorme desafio para a NATO.

Assim sendo, o objetivo deste projeto é padronizar as medidas a serem adotadas perante um cenário de crise ou de paz, onde se torna necessário desenvolver um porto de apoio para operações expedicionárias. Esta padronização tem como finalidade melhorar a coordenação e a cooperação entre os países aliados.

Desta forma, o projeto *Harbour Protection* contou com a STHP (NATO *Specialist Team on Harbour Protection*), uma equipa de trabalho internacional¹¹² liderada pela Marinha Portuguesa, que estudou e desenvolveu os dois produtos deste projeto.

O primeiro produto foi a doutrina, que responde à questão fundamental "Como executar operações de *Harbour Protection*?". A doutrina foi desenvolvida pelos países participantes no projeto, em coordenação com o CITAN e com Centros de Excelência da NATO. O trabalho desenvolvido deu origem ao ATP 94 (publicação NATO não classificado) que compreende o conceito a doutrina, as táticas, as técnicas e os procedimentos para executar operações de HP.

¹¹¹ Este número já inclui fuzileiros; mergulhadores; *staff*, entre outros. O número de pessoal também pode sofrer alterações consoante o tipo de missão.

¹¹² Constituída por catorze nações aliadas: Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Itália, Noruega, Polónia, Portugal, Reino Unido, Roménia e Turquia; por dois países parceiros: Ucrânia e Jordânia e por vários comandos e organismos da NATO.

O segundo produto, o *System Specifications for an Interoperable, Mobile, Integrated Harbour Protection Module*, que terá a designação da NATO de STANAG 1489, consiste num conjunto de requisitos de interoperabilidade e de especificações técnicas que aliadas à doutrina permitiram que os países possam adquirir os módulos de HP. Este último produto responde à questão "Que tipos de sistemas e que especificações técnicas são necessárias para executar operações de *Harbour Protection*?".

Assim, a capacidade de *Harbour Protection* permite que a NATO consiga:

- Lidar com as ameaças híbridas nos portos;
- Desenvolver operações em ambiente portuário;
- Proteger as infraestruturas consideradas críticas;
- Contrariar os meios e as táticas, letais ou não-letais, utilizadas pelos atores híbridos.

Esta capacidade desenvolvida pela NATO, garante, num ambiente operacionalmente complexo e no qual operam inúmeros atores tanto militares, como civis, o combate a ameaças que empreguem, meios convencionais e meios não-convencionais.

Conclusão

Desde o início do século XXI que têm surgido desafios cada vez mais peculiares e inesperados. As ameaças à segurança internacional típicas deste milénio têm originado uma série de dúvidas quanto ao modo mais eficaz para lhes fazer frente.

Desde 2000, já se registaram inúmeros incidentes levados a cabo por atores híbridos contra navios militares e civis. Estes ataques colocaram naturalmente todas as marinhas em alerta, tornando cada vez mais urgente a análise desta temática.

Desta forma, perante a análise e o raciocínio efetuados ao longo da presente dissertação, reúnem-se as condições necessárias para que seja possível responder à pergunta de partida e às perguntas derivadas.

Começando pela primeira pergunta derivada:

Quais os primeiros conflitos que se podem caracterizar como híbridos?

A resposta a esta pergunta encontra-se descrita ao longo do capítulo 3 - antecedentes da guerra híbrida. No terceiro capítulo, torna-se possível verificar a existência de vestígios de conflitos híbridos ao longo de toda a história da humanidade desde a guerra de Tróia, passando pela Guerra da Independência dos EUA; pela era napoleónica, mais concretamente durante a Guerra Peninsular na qual Portugal se encontrou envolvido; pela insurgência das Filipinas; pelo retorno francês à Indochina e pelo Kosovo.

Relativamente à segunda pergunta derivada:

Quais as diferenças entre os primeiros conflitos híbridos e a guerra híbrida atual?

Enquanto os primeiros conflitos híbridos se caracterizavam pela utilização de meios não convencionais simples e expectáveis, o mesmo não se verifica na guerra híbrida atual.

Os conflitos híbridos atuais, como o Afeganistão, a guerra civil da Líbia e a anexação ilegal da Crimeia por parte da Rússia, caracterizam-se pela utilização de forças especiais nos ataques preliminares; pela utilização de alta tecnologia; e pela utilização extensiva da guerra da informação, da propaganda e de ciberataques.

Com a utilização da alta tecnologia surge o armamento mais preciso, como é o caso dos mísseis de cruzeiro de dupla utilização com capacidades nucleares/convencionais. Os *drones* utilizados para espionagem também são uma consequência da evolução da tecnologia. A exploração dos meios de comunicação social também se encontra associada à guerra híbrida moderna. Este método permite que os atores híbridos consigam influenciar muitas pessoas através de *websites* e de *blogs*, por exemplo.

Relativamente à última pergunta derivada:

Como é que a Marinha Portuguesa tem contribuído para fazer frente a este tipo de conflito?

A resposta a esta pergunta encontra-se descrita ao longo do capítulo 6 - contributo da Marinha Portuguesa no combate à guerra híbrida. Para conseguir responder a esta pergunta foi necessário efetuar duas entrevistas, uma no âmbito da elaboração do ATP 74 - *Force Protection Against Asymmetric Threats* e outra no âmbito da elaboração do projeto *Harbour Protection*.

Dessas entrevistas, foi possível concluir que a Marinha Portuguesa respondeu rapidamente a uma lacuna tática existente, através da apresentação de uma visão bastante abrangente à NATO, a qual deu origem ao ATP 74, em 2006. Esta publicação define todas as medidas pré-planeadas desenvolvidas, que visam proteger os navios de ameaças não convencionais em zonas litorais e costeiras.

A necessidade de edificação do projeto *Harbour Protection* surgiu após a guerra da Líbia em 2001. Durante este conflito, a NATO não conseguiu projetar as suas forças para o terreno, uma vez que não existia nenhum porto considerado seguro para as forças NATO poderem atracar. Deste modo, em 2012 Portugal assumiu a nível político a liderança do projeto HP e, através de despacho do Ministro da Defesa Nacional a Marinha, assumiu a liderança deste projeto em maio de 2012.

Este projeto tem como objetivos:

- Padronizar as medidas a serem adotadas perante cenários de crise ou paz, onde é necessário ter um porto seguro de apoio para operações expedicionárias;

- Garantir, num ambiente operacionalmente complexo e onde operam inúmeros intervenientes (militares e civis), o combate a ameaças que empreguem, meios convencionais e meios não-convencionais.

Relativamente à pergunta de partida:

O que é a guerra híbrida em ambiente marítimo e de que forma é que lhe podemos fazer frente?

Esta pergunta pode ser dividida em três partes distintas. A primeira é relativa ao conceito de guerra, sendo que este é abordado ao longo do capítulo 2 - Conceito de guerra híbrida. Este termo pode ser definido genericamente através de uma combinação de ameaças híbridas - Estados falhados e autores não-estatais apoiados por Estados, que exploram novas formas de combate, através do emprego de todas as formas de guerra - convencional, não convencional, terrorismo, etc, por vezes de modo simultâneo.

A segunda parte da questão consiste em compreender qual a relação existente entre o ambiente marítimo e a guerra híbrida. Esta relação está descrita essencialmente no início do capítulo 5, sendo importante referir que a guerra híbrida não tem nenhuma limitação quanto ao espaço logo, também se pode desenrolar no meio marítimo.

Relativamente à terceira parte da pergunta, sobre quais as táticas que devem ser utilizadas para fazer frente a este tipo de ameaça, muitas encontram-se definidas no ATP 74, porém, na maioria dos casos, estas não são suficientes. Deste modo, continua implícita a necessidade de elaborar um plano estratégico mais abrangente.

Assim, conclui-se, que é crucial que cada país tenha em conta as suas limitações, não desprezando as capacidades do seu adversário. É de igual modo, necessário que se assuma uma posição mais vinculada na "dimensão virtual" através dos meios de comunicação social (vídeos, *blogs*, *websites*), de modo a que se consiga travar a propaganda levada a cabo pelos atores híbridos e ganhar alguma vantagem perante a população, alcançando um campo de batalha mais alargado.

Este tipo de conflito tem conseguido alcançar grandes resultados, pelo que, não se trata de algo passageiro, embora não represente o fim das designadas guerras convencionais, mas sim um complicador para o planeamento da defesa.

Como já foi demonstrado anteriormente, nem todos os teóricos se encontram de acordo quanto à origem da guerra híbrida, porém, a maioria está de acordo quanto às características peculiares da guerra moderna. Em alguns casos, é possível verificar o emprego de novas estratégias. Contudo, noutros verifica-se apenas uma reciclagem de táticas antigas que foram melhoradas devido ao avanço tecnológico.

Com a contínua evolução da guerra, torna-se fundamental efetuar um esforço constante e contínuo de concetualização, por forma a que seja possível prever os traços da futura conflitualidade. Deste modo, trabalhos de investigação no âmbito das guerras modernas tornam-se uma mais valia para todas as nações.

Bibliografia

- ABREU, Carlos (2016), "Aviões radar da NATO entram na guerra ao Daesh", *Público*, outubro de 2016, <http://expresso.sapo.pt/internacional/2016-10-25-Avioes-radar-da-NATO-entram-na-guerra-ao-Daesh>, consultado em 15 de maio de 2017.
- AFP (*Agence France-Presse*) (2002), Comandante do petroleiro "Limburg" recusa tese de acidente, *Público*, outubro de 2002, <https://www.publico.pt/2002/10/08/mundo/noticia/comandante-do-petroleiro-limburg-recusa-tese-de-acidente-187858>, consultado em 14 de maio de 2017.
- AFP (2015), Quem são as forças em combate na Síria, *Público*, setembro de 2015, <https://www.publico.pt/2015/09/30/mundo/noticia/as-forcas-em-combate-na-siria-1709616>, consultado em 23 de março de 2017.
- ALT, Vivian (2015), "Ucrânia: da Revolução Laranja à crise de 2014", <http://politike.cartacapital.com.br/ucrania-da-revolucao-laranja-a-crise-de-2014/>, consultado em 10 de fevereiro de 2017.
- AMADOS, Maria de Deus (2010), *Tipos de Métodos Científicos*, Lisboa, Fundação Minerva.
- BALLESTEROS, Cecilia (2014), A guerra híbrida do século XXI: sem fronteiras entre o legal e o ilegal, *El País*, http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/05/internacional/1417804181_973994.html, consultado em 10 de fevereiro de 2017.
- BARDINE, Renan (s.d), "Guerra do Kosovo", <http://www.coladaweb.com/historia/guerras/guerra-de-kosovo>, consultado em 14 de novembro de 2016.
- BIOGRAPHY.COM EDITORS (2015), "Nouri al-Maliki Biography", <http://www.biography.com/people/nouri-al-maliki-504526#leading-iraq-into-the-future>, consultado em 13 de janeiro de 2017.
- BONET, Pilar (2013), Rússia implanta mísseis perto das fronteiras com a Polónia e Lituânia, dezembro de 2013, *El País*, http://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/16/internacional/1387219946_831175.html, consultado em 23 de março de 2017.
- CAVAS, Christopher P, (2015), "China's Little Blue Men' Take Navy's Place in Disputes", <http://www.defensenews.com/story/defense/naval/2015/11/02/china-lassen-destroyer-spratly-islands-south-china-sea-andrew-erickson-naval-war-college-militia-coast-guard-navy-confrontation-territorial-dispute/75070058/>, consultado em 2 de fevereiro de 2017.
- CARVALHO, Pedro, TELES, Cláudia (2016), *Ação Criminosa Contra Navios no SÉC, XXI, Instituto da Defesa Nacional*, Lisboa.
- CAMPOS, Ana Cláudia (2016), *Segurança Energética*, Instituto da Defesa Nacional,, Lisboa.

- COLEMAN, Kevin (2008), "Cyber Sabotage", <https://www.defensetech.org/2008/02/06/cyber-sabotage/>, consultado em 22 de março de 2017.
- ENCYCLOPEDIA BRITANNICA (s.d), "Hassan Nasrallah", <https://www.britannica.com/biography/Hassan-Nasrallah>, consultado em 17 de novembro de 2016.
- FALCATO, Luís Alberto do Carmo (2016), "Projeto NATO *Harbour Protection*", *Revista da Armada*, Lisboa, dezembro de 2016, pp. 17 a 20.
- FERNANDES, Hugo Miguel Moutinh (2016), "As novas guerras: O desafio da guerra híbrida, *Revista de Ciências Militares*, Vol. IV (2), setembro de 2016, pp.13 - 40.
- FRÂNZERES, José Manuel Ferreira (2013), A Ucrânia e a união euro-asiática, *Instituto da Defesa Nacional*, Idn Brief, Lisboa, pp. 11 a 13.
- FRÂNZERES, José Manuel Ferreira (2014), A crise da Ucrânia e o quadro relacional Germano-Russo, *Instituto da Defesa Nacional*, Idn Brief, Lisboa, pp. 2 a 10.
- GALAMAS, Francisco (2014), A recente aproximação indo-paquistanesa: que impacto na corrida ao armamento nuclear?, *Instituto da Defesa Nacional*, Idn Brief, Lisboa, pp. 11 a 16.
- (2015), A NATO e as tensões derivadas do escudo antimíssil, *Instituto da Defesa Nacional*, Idn Brief, Lisboa, pp. 2 a 7.
- GARDNER, Hall (2015), "Hybrid Warfare: Iranian and Russian Versions of "Little Green Men" and Contemporary Conflict", Research Paper.
- GERASIMOV, Valery (s.d), <http://www.globalsecurity.org/military/world/russia/gerasimov.htm>, consultado em 13 de janeiro de 2017.
- GONÇALVES, Catarina Milhais Ferreira (2016), "JIHAD Para além das fronteiras físicas do Estado Islâmico", *Instituto da Defesa Nacional*, Lisboa.
- GRAND STRATEGY, (2014), *Hybrid Warfare*, outubro de 2014, <https://geopoliticus.wordpress.com/2014/10/07/hybrid-warfare/>, consultado em 7 de março de 2017.
- GRANT, Greg (2009), "'Hybrid War' Throwdown", <https://www.dodbuzz.com/2009/03/03/hybrid-war-throwdown/>, consultado em 6 de março de 2017.
- GRUBLIAUSKAS, Julijus, RUHLE, Michael (2015), "Energy as a Tool of Hybrid Warfare", Research Paper.
- HAGHSHENASS, Fariborz (2008), "Iran's asymmetric naval warfare", *The Washington Institute for Near East Policy*, Washington.
- HAMMES, T.X (s.d), *Institute for National Strategic Studies*, <http://inss.ndu.edu/Media/Biographies/Article-View/Article/571460/hammes-tx/>, consultado em 21 de março de 2017.

- HOFFMAN, Frank G. (2007), *Conflict in the 21st Century: The rise of hybrid wars*, Arlington, *Potomac Institute for Policy Studies*.
- (2009), "Hybrid vs. compound war The Janus choice: Defining today's multifaceted conflict", *Armed Forces Journal*, Washington DC, pp.15.
- JACOBS, Andreas, LASCONJARIAS, Guillaume (2015), "NATO's Hybrid Flanks Handling Unconventional Warfare in the South and the East", Research Paper.
- JOHNSON, Dave (2015), "Russia's Approach to Conflict - Implications for NATO's Deterrence and Defence", Research Paper.
- MANUELITO, Ana Cláudia (2012), "Maritimidade e continentalidade: o Portugal Híbrido", *Instituto da Defesa Nacional*, Idn Brief, Lisboa, pp. 5 a 9.
- MAST INTELLIGENCE, (2016), *Intelligence Report: Update on Houthi missile attacks off Yemen, and US strikes against Houthi radar sites*, outubro de 2016.
- MINASYAN, Sargey (2015), "'Hybrid' vs. 'Compound' War Lessons From The Ukraine Conflict", *PONARS Eurasia*, novembro de 2015, http://www.ponarseurasia.org/sites/default/files/policy-memospdf/Peppm401_Minasyan_Nov2015.pdf, consultado em 10 de março de 2017.
- MENDES, Smith, NABO, Afonso, SILVA, Ricardo (2016), "Ameaças Transnacionais", *Instituto da Defesa Nacional*, Lisboa.
- MONTEIRO, Nuno Sardinha (2015), "Strategia 16 Guerra Híbrida", *Revista da Armada*, Lisboa, novembro de 2015, pp. 4 a 5.
- MONTEIRO, Nuno Sardinha, PINTO, Sérgio Silva (2015), "Estratégia marítima da NATO", *Revista da Armada*, Lisboa, abril de 2015, pp. 4 a 5.
- MOTA, Amaral (2017), "A guerra híbrida russa e os "pequenos homens verdes"", *Revista da Armada*, Lisboa, janeiro de 2017, pp. 15 a 17.
- NATO (2016), *North Atlantic Treaty Organization*, http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_119353.htm, consultado em 8 de março de 2017.
- OLIVEIRA, Letícia (2015), "Rússia x Ucrânia", <https://branconevevermelhorussia.wordpress.com/page/2/>, consultado em 25 de janeiro de 2017.
- PALMER, Diego A. (2015), "Back to the future? Russia's hybrid warfare, revolutions in military affairs, and Cold War comparisons", Research Paper.
- PRATA, Bruno Rafael Ramos (2016), "Luta contra o terrorismo em Portugal: Da estratégia nacional à unidade de coordenação antiterrorismo", *Instituto da Defesa Nacional*, Lisboa.
- QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van (s.d), "Manual de investigação em ciências sociais objetivos e procedimentos".

- QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van (2015), "Manual de investigação em ciências sociais", 4ª edição, Lisboa, *Gardiva Editora*.
- RIBEIRO, Félix (2016), "Tribunal de Haia dá razão às Filipinas contra Pequim no processo do mar do Sul da China", *Público*, <https://www.publico.pt/2016/07/12/mundo/noticia/haia-rejeita-reivindicacoes-territoriais-de-pequim-no-mar-do-sul-da-china-1738011>, consultado em 8 de fevereiro de 2017.
- RIBEIRO, João Ruela (2016), "A Ásia mergulhou de cabeça num mar traiçoeiro", *Público*, <https://www.publico.pt/2016/06/11/mundo/noticia/a-asia-mergulhou-de-cabeca-num-mar-traicoeiro-1734657>, consultado em 14 de fevereiro de 2017.
- ROSENDAHL, Jussi, FORSELL, Tuomas (2017), "EU, NATO countries kick off center "hybrid" threats", abril de 2017, <http://in.reuters.com/article/eu-defence-hybrid-idINKBN17D1ST>, consultado em 30 de maio de 2017.
- RTP NOTÍCIAS (2016), "Navio de guerra americano bombardeou rebeldes no Iémen", *RTP Notícias*, outubro de 2016, https://www.rtp.pt/noticias/mundo/navio-de-guerra-americano-bombardeou-rebeldes-no-iemen_n953818, consultado em 9 de maio de 2017.
- SALVADOR, Susana, (2016), "Mar do Sul da China: Pequim rejeita decisão jurídica que dá razão a Manila", *Diário de Notícias*, <http://www.dn.pt/mundo/interior/mar-do-sul-da-china-pequim-rejeita-decisao-juridica-que-da-razao-a-manila-5280998>, consultado em 10 de fevereiro de 2017.
- SANTANA, Ana Lúcia (s.d), "Invasão do Afeganistão pelos Estados Unidos", <http://www.infoescola.com/historia/invasao-do-afeganistao-pelos-estados-unidos/>, consultado em 15 de novembro de 2016.
- SANTANA, Joaquim (2016), "A importância do vetor militar no apoio à política externa do estado", *Instituto da Defesa Nacional*, Idn Brief, Lisboa.
- SANTOS, Fabrício Barroso dos (s.d), "Guerra civil na Líbia", <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/guerra-civil-na-libia.htm>, consultado em 13 de janeiro de 2017.
- SANTOS, Lúcio et al. (2016), "Orientações metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação", *Instituto Universitário Militar*, Lisboa.
- SARAIVA, Maria Francisca (2012), "O novo conceito estratégico da NATO e o futuro da comunidade transatlântica", *Instituto da Defesa Nacional*, Idn Brief, Lisboa, pp. 2 a 4.
- (2016), "O novo governo de unidade nacional no contexto da violência híbrida na Líbia", *Instituto da Defesa Nacional*, Idn Brief, Lisboa.
- SILVA, Maurício Corégio da (2015), "Crimeia e seu valor!", <https://branconevevermelhorussia.wordpress.com/page/2/>, consultado em 25 de janeiro de 2017.

- SILVA, Nuno Miguel Pereira da (2015), "A ética do militar no século XXI", *Instituto da Defesa Nacional*, Idn Brief, Lisboa, pp. 8 a 13.
- SOUSA, Rainer (s.d), "Guerra do Iraque", <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/guerra-iraque.htm>, consultado em 15 de novembro de 2016.
- TECEDEIRO, Helena (2015), "China furiosa com EUA, promete defender a "soberania territorial"", *Diário de Notícias*, <http://www.dn.pt/mundo/interior/china-furiosa-com-eua-promete-defender-a-soberania-territorial-4858362.html>, consultado em 10 de fevereiro de 2017.
- TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE (1949), "Tratado do Atlântico Norte", 4 de abril de 1949, Washington DC, http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_17120.htm?selectedLocale=pt, consultado em 25 de janeiro de 2017.
- U.S. DEPARTMENT OF DEFENCE (s.d), <http://www.defense.gov/News/Special-Reports/QDR>, consultado em 14 de novembro de 2016.
- VALLEY, Simi (2015), "EUA "profundamente preocupados" por risco de conflito no mar da China", <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/11/euaprofundamente-preocupados-por-risco-de-conflito-no-mar-da-china-4897210.html>, consultado em 10 de fevereiro de 2017.
- VIANA, Vítor (2011), "Consequências estratégicas do 11 de setembro de 2001", http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992011000300002, consultado em 14 de novembro de 2016.
- VISACRO, Alessandro (2009), "Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história", São Paulo, Editora Contexto.
- WENTZEL, Maria (2013), "Disputa no Mar da China aumenta tensão na Ásia", *BBC Brasil*- http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/05/130518_conflito_mar_sul_china_marina_rw, consultado em 10 de fevereiro de 2017.
- WILKIE, R. (2009), "Hybrid Warfare: Something Old, Not Something New", *Air and Space Power Journal*.

Anexos

Anexo A - Tratado do Atlântico Norte

Washington D.C., 4 de Abril de 1949

Os Estados Partes no presente Tratado, Reafirmando a sua fé nos intuitos e princípios da Carta das Nações Unidas e o desejo de viver em paz com todos os povos e com todos os Governos, Decididos a salvaguardar a liberdade dos seus povos, a sua herança comum e a sua civilização, fundadas nos princípios da democracia, das liberdades individuais e do respeito pelo direito, Desejosos de favorecer a estabilidade e o bem-estar na área do Atlântico Norte, Resolvidos a congregar cus seus esforços para a defesa coletiva e para a preservação da paz e da segurança, Acordam no presente
Tratado do Atlântico Norte.

Artigo 1

As Partes comprometem-se, de acordo com o estabelecido na Carta das Nações Unidas, a regular por meios pacíficos todas as divergências internacionais em que possam encontrar-se envolvidas, por forma que não façam perigar a paz e a segurança internacionais, assim como a justiça, e a não recorrer, nas relações internacionais, a ameaças ou ao emprego da força de qualquer forma incompatível com os fins das Nações Unidas.

Artigo 2

As Partes contribuirão para o desenvolvimento das relações internacionais pacíficas e amigáveis, mediante o revigoramento das suas livres instituições, melhor compreensão dos princípios sobre que se fundam e o desenvolvimento dias condições próprias para assegurar a estabilidade e o bem estar. As Partes esforçar-se-ão por eliminar qualquer oposição entre as suas políticas económicas internacionais e encorajarão a colaboração económica entre cada uma delas ou entre todas.

Artigo 3

A fim de atingir mais eficazmente os fins deste Tratado, as Partes, tanto individualmente como em conjunto, manterão e desenvolverão, de maneira contínua e

efetiva, pelos seus próprios meios e mediante mútuo auxílio, a sua capacidade individual e coletiva para resistir a um ataque armado.

Artigo 4

As Partes consultar-se-ão sempre que, na opinião de qualquer delas, estiver ameaçada a integridade territorial, a independência política ou a segurança de uma das Partes.

Artigo 5

As Partes concordam em que um ataque armado contra uma ou várias delas na Europa ou na América do Norte será considerado um ataque a todas, e, conseqüentemente, concordam em que, se um tal ataque armado se verificar, cada uma, no exercício do direito de legítima defesa, individual ou coletiva, reconhecido pelo artigo 51.º da Carta das Nações Unidas, prestará assistência à Parte ou Partes assim atacadas, praticando sem demora, individualmente e de acordo com as restantes Partes, a ação que considerar necessária, inclusive o emprego da força armada, para restaurar e garantir a segurança na região do Atlântico Norte. Qualquer ataque armado desta natureza e todas as providências tomadas em consequência desse ataque são imediatamente comunicados ao Conselho de Segurança. Essas providências terminarão logo que o Conselho de Segurança tiver tomado as medidas necessárias para restaurar e manter a paz e a segurança internacionais.

Artigo 6

Para os fins do Artigo 5º, considera-se ataque armado contra uma ou várias das Partes o ataque armado:

- Contra o território de qualquer delas na Europa ou na América do Norte, contra os Departamentos franceses da Argélia, contra o território da Turquia ou contra as Ilhas sob jurisdição de qualquer das Partes situadas na região do Atlântico Norte ao Norte do Trópico de Câncer;
- Contra as forças, navios ou aeronaves de qualquer das Partes, que se encontrem nesses territórios ou em qualquer outra região da Europa na qual as forças de ocupação de qualquer das Partes estavam à data em que o tratado entrou em

vigor ou no Mar Mediterrâneo ou na região do Atlântico Norte ao norte do Trópico de Câncer, ou que os sobrevoem.

Artigo 7

O presente Tratado não afeta e não será interpretado como afetando de qualquer forma os direitos e obrigações decorrentes da Carta, pelo que respeita às Partes que são membros das Nações Unidas, ou a responsabilidade primordial do Conselho de Segurança na manutenção da paz e da segurança internacionais.

Artigo 8

Cada uma das Partes declara que nenhum dos compromissos internacionais atualmente em vigor entre Estados está em contradição com as disposições do presente Tratado, e assume a obrigação de não subscrever qualquer compromisso internacional que o contradiga.

Artigo 9

As Partes estabelecem pela presente disposição um Conselho, no qual cada uma delas estará representada para examinar as questões relativas à aplicação do Tratado. O Conselho será organizado de forma que possa reunir rapidamente em qualquer momento. O Conselho criará os organismos subsidiários que possam ser necessários; em particular, estabelecerá imediatamente uma comissão de defesa que recomendará as providências a tomar para aplicação dos artigos 3º e 5.º

Artigo 10

As Partes podem, por acordo unânime, convidar a aderir a este Tratado qualquer outro Estado europeu capaz de favorecer o desenvolvimento dos princípios do presente Tratado e de contribuir para a segurança da área do Atlântico Norte. Qualquer Estado convidado nesta conformidade pode tornar-se Parte no Tratado mediante o depósito do respetivo instrumento de adesão junto do Governo dos Estados Unidos da América. Este último informará cada uma das Partes do depósito de cada instrumento de adesão.

Artigo 11

Este Tratado será ratificado e as suas disposições aplicadas pelas Partes de acordo com as respectivas regras constitucionais. Os instrumentos de ratificação serão depositados, logo que possível, junto do Governo dos Estados Unidos da América, que informará todos os outros signatários do depósito de cada instrumento de ratificação. O Tratado entrará em vigor entre os Estados que o tiverem ratificado logo que tiverem sido depositadas as ratificações da maioria dos signatários, incluindo as da Bélgica, do Canadá, dos Estados Unidos, da França, do Luxemburgo, dos Países-Baixos e do Reino Unido; e entrará em vigor para os outros Estados na data do depósito da respetiva ratificação.

Artigo 12

Decorridos os primeiros dez anos de vigência do Tratado ou em qualquer data ulterior, as Partes consultar-se-ão, a pedido de qualquer delas, para o efeito da revisão do Tratado, tomando em consideração os fatores que então afetarem a paz e a segurança na área do Atlântico Norte, inclusive o desenvolvimento dos acordos, tanto mundiais como regionais, concluídos nos termos da Carta das Nações Unidas, para a manutenção da paz e da segurança internacionais.

Artigo 13

Depois de vinte anos de vigência, qualquer Parte poderá pôr fim ao Tratado no que lhe diz respeito um ano depois de ter avisado da sua denúncia o Governo dos Estados Unidos da América, o qual informará os Governos das outras Partes do depósito de cada instrumento de denúncia.

Artigo 14

Este Tratado, cujo texto inglês e francês fazem igualmente fé, será depositado nos arquivos do Governo dos Estados Unidos da América. Serão transmitidas por aquele Governo aos Governos das outras Partes cópias devidamente certificadas.

1. O Tratado entrou em vigor a 24 de agosto de 1949, após o depósito das ratificações de todos os Estados signatários.
2. Nova redação em virtude do Artigo 2 do protocolo 1 ao Tratado do Atlântico Norte sobre a adesão da Grécia e Turquia.

3. A 16 de Janeiro de 1963 o Representante francês fez uma declaração, perante o Conselho da OTAN, relativa às incidências da independência da Argélia sobre certos aspetos do Tratado do Atlântico Norte. O Conselho constatou que todas as disposições desse Tratado que respeitam aos antigos departamentos franceses da Argélia tornaram-se inaplicáveis a partir de 3 de Julho de 1962.